



PROFLETRAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

SARAH SATSUKI OLIVEIRA NAKANO

**CANTOS E CONTOS DO REINADO:
O ACESSO AO TEXTO LITERÁRIO POR MEIO DAS MEMÓRIAS DA
CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
2019

SARAH SATSUKI OLIVEIRA NAKANO

**CANTOS E CONTOS DO REINADO:
O ACESSO AO TEXTO LITERÁRIO POR MEIO DAS MEMÓRIAS DA
CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Chiaretto – UFMG

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
2019

Aos que têm contribuído para o meu crescimento profissional e humano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo apoio tão necessário em todos os projetos que pude realizar.

À minha filha Lya, por ter entendido a minha ausência em alguns momentos dos nossos dias e por acreditar quando eu dizia que tudo valeria a pena. Obrigada por cada abraço, por cada dose diária de coragem e amor.

Ao meu companheiro Lucas, por estar ao meu lado, mesmo nas distâncias do começo dessa aventura, em cada passo, em cada angústia, em cada dificuldade, e também em cada conquista. Obrigada pelo incentivo diário e por nunca me deixar desistir.

Ao meu professor Marcelo Chiaretto, pela confiança, pelas palavras de incentivo e pela orientação neste trabalho.

A todos do Profletras, professores, professoras, companheiros e companheiras de jornada, por todas as experiências compartilhadas.

Por fim, agradeço aos meus alunos que me fizeram entender a diversidade e buscar novos caminhos na tentativa de garantir o direito a uma educação que transforma.

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.

Antonio Candido

RESUMO

Esta pesquisa parte da necessidade de propor um novo olhar para lidar com as diversidades socioculturais, de maneira a incluir as vivências, práticas e saberes que fazem parte da vida de nossos alunos, a fim de incentivá-los no processo de se reconhecerem como protagonistas do processo educacional e também da apropriação literária, fazendo com que os muros entre a escola e a comunidade sejam diminuídos. Assim, o projeto de ensino tem como ponto de partida o diálogo e o envolvimento dos alunos com o Reinado, um festejo popular da cidade de Cláudio - MG, com seus cantos e contos que revelam um lugar de resistência e permanência da memória e são transmitidos através da tradição oral, desde a fundação dos Ternos. Busca-se, com essa experiência, criar novas práticas de ensino, objetivando o desenvolvimento da autonomia do aluno por estreitar os laços entre a experiência vivida e a aprendizagem em sala de aula, tornando o saber um meio de ler o mundo, promovendo valores de cidadania, memória e identidade, por meio de atividades que visam estimular a pesquisa, a interação, o compartilhamento de saberes e, acima de tudo, a inserção do aluno no universo da literatura afro-brasileira e toda a riqueza de elementos que a constituem.

Palavras-chave: Leitura literária; Reinado; Literatura afro-brasileira; Mediação; Letramento literário.

ABSTRACT

This research is based on the need of a new way to deal with sociocultural diversity, including students' experiences, practices and knowledge, so they will be able to perceive themselves as the protagonists of their educational process and literary appropriation, then borders between community and school will be smaller. Thus, the educational project has as the starting points dialogue and students' involvement with Reinado (reign), a popular celebration in Cláudio (a city located in the state of Minas Gerais), in which songs and tales reveal a place of resistance and permanence of memory, and they are transmitted through oral tradition since the foundation of the Ternos (groups with specific functions). The aim of this experience is to create educational practices able to develop the students' autonomy combining experiences they lived with learning from classes, making their knowledge an instrument to read the world and promoting values of citizenship, memory and identity through activities that stimulate researches, interaction, sharing of knowledge and, as the main point, the insertion of the student in the Afro-Brazilian literature and all richness that it has.

Keywords: Literature reading; Reinado; Afro-brazilian Literatura; Mediation; Literature literacy.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Perfil do leitor e não leitor: por idade	25
Gráfico 2 – Principal motivação para ler um livro: por faixa etária	25
Gráfico 3 – Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura	26
Gráfico 4 – Escolaridade dos pais: por perfil	27
Gráfico 5 – Questão 1	66
Gráfico 6 – Questão 4	67
Gráfico 7 – Questão 10	68

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da revista em que se encontra o texto	48
Figura 2 – Vídeo	58
Figura 3 – Capa do livro	60
Figura 4 – Página do livro	61
Figura 5 – Página do livro	62
Figura 6 – Página do livro	62
Figura 7 – Página do livro	62
Figura 8 – Página do livro	63
Figura 9 – Página do livro	63
Figura 10 – Página do livro	64

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Capitão	44
Foto 2 – Instrumentos	44
Foto 3 – Terno de vilão	45
Foto 4 – Ternos	45
Foto 5 – Caixa de livros	73
Foto 6 – Círculo de leitura	73
Foto 7 – Leitura mediada	75
Foto 8 – Leitura livre	75
Foto 9 – Contaçon de histórias	81
Foto 10 – Mina do Chico Rei	81
Foto 11 – Visita à Mina do Chico Rei	82
Foto 12 – Painel da exposiçon	82

QUADRO

Quadro 1 – Questão 11	69
-----------------------------	----

SUMÁRIO

1. A LEITURA A ESCOLA E O REINADO	13
1.1 Introdução.....	13
1.2 Justificativa	17
1.3 Objetivos.....	19
Geral.....	19
Específicos.....	19
1.4 Referencial teórico.....	20
2. LEITURA LITERÁRIA NO BRASIL.....	21
2.1 A leitura literária.....	21
2.2 Retratos da leitura nos anos finais do ensino fundamental.....	24
3. LETRAMENTO LITERÁRIO.....	29
3.1 Formação do leitor.....	29
3.2 Mediação de leitura.....	32
3.3 A literatura afro-brasileira, literatura oral e o Reinado.....	35
4. PROJETO DE ENSINO.....	38
4.1 Metodologia.....	38
4.2 Público leitor.....	40
4.3 Obras selecionadas.....	41
4.4 A sequência básica.....	43
5. RELATOS DE EXPERIÊNCIA.....	66
5.1 O questionário inicial e o que ele indica.....	66
5.1.1 Sobre o gosto, preferências e importância da leitura.....	66
5.1.2 Conhecimento sobre literatura afro-brasileira.....	68
5.2 A sequência básica do letramento literário.....	70
5.2.1 Motivação.....	70
5.2.2 Introdução.....	71
5.2.3 Leitura.....	73
5.2.4 Interpretação.....	75

5.3 Desdobramentos.....	80
-------------------------	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS.....	86
-------------------------	-----------

ANEXOS.....	89
--------------------	-----------

ANEXO A – Questionário completo	89
---------------------------------------	----

ANEXO B – Texto original lido na etapa da motivação	97
---	----

ANEXO C – Textos de apoio	100
---------------------------------	-----

ANEXO D – Texto inicial produzido na oficina II da introdução	102
---	-----

ANEXO E – Texto inicial produzido na oficina II da introdução	104
---	-----

ANEXO F – Isogravura produzida na etapa da interpretação	106
--	-----

ANEXO G – Isogravura produzida na etapa da interpretação	106
--	-----

ANEXO H – Isogravura produzida na etapa da interpretação	107
--	-----

ANEXO I – Isogravura produzida na etapa da interpretação	107
--	-----

ANEXO J – Isogravura produzida na etapa da interpretação	108
--	-----

ANEXO K – Isogravura produzida na etapa da interpretação	108
--	-----

ANEXO L – Texto escrito na etapa da interpretação	109
---	-----

ANEXO M – Texto escrito na etapa da interpretação	110
---	-----

1. A LEITURA, A ESCOLA E O REINADO

1.1 Introdução

As inúmeras transformações decorrentes de inovações tecnológicas e novidades comunicativas, tais como as redes sociais, proporcionaram o contato diário com uma diversidade de linguagens e culturas. Isso trouxe um novo desafio aos professores, já que, muitas vezes, falta a possibilidade de acompanhar tais modificações na escola, tanto pela precariedade de alguns espaços quanto pela falta de orientação ou resistência de determinados profissionais a observar tais mudanças.

Nesse cenário, dentre as várias dificuldades enfrentadas pelos professores de Língua Portuguesa está a de promover a leitura literária e o gosto pelos gêneros do domínio da literatura em meio a tantos atrativos presentes no cotidiano de nossos alunos. Esse fato faz com que surjam, no meio docente, afirmações de que os alunos não gostam de ler e que só leem quando são obrigados e, por isso, muitas das atividades realizadas têm a função de forçar a leitura. Exemplo disso são as famigeradas fichas literárias – roteiros de leitura que fazem com que o aluno destaque elementos do texto e solicitem, em alguns casos, a apreciação da obra lida. Surge assim uma disparidade com relação à função da leitura literária, uma vez que tal prática deve ser prazerosa, pois o gosto pela leitura é a base do desenvolvimento do aluno e não uma atividade mecânica produtora de respostas para obtenção de notas.

Teresa Colomer (2010) afirma que a literatura precisa ser ensinada na escola, pois possibilita refletir sobre o mundo, criar realidades, ampliar o repertório de linguagem e formar comunidades que se identificam com um determinado conjunto de obras. Tendo em vista essa necessidade e as dificuldades enfrentadas, busquei questionar os alunos sobre suas preferências literárias, o que possibilitou observar que os gêneros eleitos são aqueles que unem linguagem verbal e não verbal – tais como HQ, tirinhas, anúncios publicitários, dentre outros que são compartilhados via redes sociais –, ao passo que a leitura de livros literários de qualquer gênero está entre as menos significativas. Há, portanto, um desinteresse por leituras de textos literários conforme as séries, juntamente com a falta de uma

iniciativa ou projeto que vise inserir a cultura da leitura na escola. Muitos dos projetos acabam por repetir fórmulas ineficazes, que falham na mediação da leitura, e a experiência a ser compartilhada, muitas vezes, é deixada de lado, pois as “apreciações” escritas pelos alunos são lidas apenas pelo professor.

A isso, soma-se a descrença de muitos estudantes sobre os benefícios da leitura – muitos veem tal prática apenas como contribuinte para uma boa escrita –, o que faz com que surjam vários questionamentos, tanto em relação à forma com que a leitura literária é trabalhada na sala de aula, quanto em relação ao comportamento leitor do aluno, visto que o modo com que ele se relaciona com os textos influencia em sua formação enquanto sujeito capaz de interpretar, refletir, opinar e argumentar.

Zilberman (2008, p. 52) afirma que “raramente a escola se preocupa com a formação do leitor. Seu objetivo principal consiste principalmente na assimilação, pelo aluno, da tradição literária, patrimônio que ele recebe pronto e cuja qualidade e importância precisa aceitar e repetir”.

Para Colomer (2007), os alunos necessitam ser encorajados por alguém que lhes ajude de forma continuada a realizarem descobertas. Portanto, no processo de formação do leitor de literatura, cabe ao professor a função de mediador, oferecendo aos estudantes as ferramentas necessárias à sua formação enquanto sujeito leitor ao eleger obras que contribuam nesse processo. Mas como realizar tal tarefa, de forma realmente significativa, frente a tanta resistência e questionamentos acerca da função da literatura na vida cotidiana?

Em primeiro lugar, deve-se analisar a forma como o trabalho com os textos literários é realizado em sala de aula. Diferentemente dos anos iniciais, fase em que há um contato constante das crianças com as cantigas, histórias contadas e livros, nos anos finais a literatura passa a ser vista de forma fragmentada nos livros didáticos, quando os textos são trabalhados de acordo com os temas dos capítulos e o conteúdo linguístico para os quais servirão de base. Dessa forma, a leitura literária e o contato com os livros ficam restritos a visitas semanais à biblioteca e às atividades avaliativas de preenchimento de fichas literárias, contendo informações como o título da obra, nome do autor e sinopse. Estas passam a ser tarefas mecânicas e maçantes, e os alunos as realizam sem realmente atingir o objetivo principal que é o gosto pelos livros. Tais práticas configuram o que Magda Soares (2011) diz sobre uma escolarização inadequada da literatura, pois afasta o aluno das práticas sociais de leitura, desenvolvendo resistência e aversão.

Outro aspecto a ser considerado é que a concepção que os alunos têm de literatura é apenas a dos livros, ou seja, tudo o que está presente em uma biblioteca e que, por vezes, não os atrai. Porém, para Antonio Candido (1995), a literatura é formada por todas as manifestações artísticas que são criadas por uma sociedade de acordo com suas culturas, e isto não costuma ser considerado nas aulas de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental. Muito do que é latente à cultura local não é reconhecido como manifestação literária por não serem obras legitimadas e valorizadas no ambiente escolar, fazendo com que haja um sentimento de não pertencimento ou de distanciamento entre a função da literatura e o cotidiano dos estudantes.

A E. E. Presidente Tancredo de Almeida Neves, onde realizo minha prática profissional, atende a diversos bairros e comunidades rurais da cidade. Cláudio - MG, por ser um polo de indústrias dividido entre metalurgia e fundição artesanal, atrai muitas pessoas em busca de trabalho. A chegada de diversas famílias para esse fim traz para a escola inúmeros estudantes vindos de outras cidades mineiras e até mesmo de outros estados. Assim, a escola se torna um ponto de convergência e convivência entre diversas culturas e saberes que, por não serem legitimados pela cultura letrada, acabam por sofrer um processo de desvalorização e esquecimento, diante do caráter, por vezes, homogeneizador do ensino. Nem mesmo a cultura local tem espaço dentro da escola, aumentando ainda mais a distância entre a vivência dos alunos e a educação institucionalizada.

Tendo em vista tal problema, identifica-se a necessidade de um novo olhar, por parte dos educadores, para lidar com as diversidades socioculturais, de maneira a incluir vivências, práticas e saberes que fazem parte da vida de nossos alunos, a fim de incentivá-los no processo de se reconhecerem como agentes da dinâmica educacional e também da apropriação literária.

Em face disso, comecei a observar o envolvimento de alguns alunos da escola em festejos da cultura local, não só como espectadores, mas também como protagonistas. Refiro-me à festa do Reinado, um auto popular que se caracteriza pela sincretização de elementos da cultura africana com elementos religiosos católicos. Realizada anualmente, desde 1854, a festa do Reinado de Cláudio atrai pessoas de diversas idades, crenças e vivências, servindo como lugar de manifestação religiosa e de encontro, promovendo uma importante sociabilidade e

marcando profundamente a cultura local, constituindo elemento-chave do desenvolvimento identitário da cidade.

Cláudio está localizada no oeste de Minas Gerais, região que mantém um circuito cultural ativo no que diz respeito às tradicionais festas do Reinado. A história dessa festa é objeto de estudo do historiador Daniel Sampaio (2012) em um levantamento histórico que buscou as origens da tradição que leva famílias inteiras a se mobilizarem para o festejo durante o período de maio a agosto de cada ano. Esse estudo é finalizado com uma provocação sobre a necessidade de os estudantes e as pessoas da cidade procurarem conhecer mais sobre os valores culturais do município a fim de resgatarem o sentimento de pertencimento e o respeito à diversidade das manifestações culturais.

Mais que uma festa religiosa, o Reinado é, antes de tudo, um lugar de resistência e permanência da memória, uma vez que os rituais, histórias, cantos e dramatizações são transmitidos através da tradição oral, desde a fundação dos Ternos. Estes são compostos por “um grupo de pessoas que se identificam com um tipo de canto, percussões, vestuários, linhagens de família, amigos, vizinhos e devotos, que terminam por agregar um conjunto de pessoas sob a liderança de um capitão principal” (BRASILEIRO, 2010, p. 17-18). Este personagem é responsável por perpetuar, através dos cantos entoados durante as festividades do Rosário, a tradição oriunda dos antepassados. Parte dessa história, contada em versos escritos por Joaquim Levindo da Silva, integrante de uma das famílias mais tradicionais do Reinado da cidade de Cláudio, fez parte das primeiras atividades do projeto de ensino desenvolvido neste trabalho, constituindo o que Candido (1995) afirma sobre a literatura ser “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde os que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.” (CANDIDO, 1995, p. 242).

Baseada nesses escritos e por ser a literatura um direito de todos, este trabalho parte dos cantos e contos presentes na festa do Reinado da cidade de Cláudio e da participação de diversos alunos nesse festejo, para dar início a um estudo sobre a literatura afro-brasileira, objetivando a realização de atividades voltadas à formação do leitor literário por meio do acolhimento e valorização das manifestações culturais que constroem a identidade local.

Para isso, o primeiro capítulo deste trabalho traz considerações sobre a leitura literária, além de dados da última edição da pesquisa sobre a leitura no Brasil e informações sobre o comportamento leitor dos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental.

O letramento literário integra o segundo capítulo, com considerações sobre a importância do trabalho para a formação do leitor, a mediação de leitura e a literatura afro-brasileira para o Ensino Fundamental.

No terceiro capítulo é apresentado o projeto de ensino que visa promover uma forma de acesso à literatura afro-brasileira, buscando inicialmente analisar características do público leitor a que este é destinado e a forma com que é recebido e desenvolvido pelos participantes, trazendo, por fim, considerações a respeito da relevância do projeto em questão e os desdobramentos ocorridos durante a realização das atividades.

1.2 Justificativa

Segundo a Lei n. 10.639, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio, sancionada em 2003, e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a educação das relações étnico-raciais, as quais orientam que

O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a educação das relações étnico-raciais se desenvolverão no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, como conteúdo de disciplinas, particularmente, Educação Artística, Literatura e História do Brasil, sem prejuízo das demais, em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, na utilização de sala de leitura, biblioteca, brinquedoteca, áreas de recreação, quadra de esportes e outros ambientes escolares (BRASIL, 2004).

Em consonância com as DCN e diante da necessidade de elaborar novas práticas que contribuam para a formação do leitor literário, esta pesquisa visa levar para a escola uma parte da cultura local, dando início a uma reflexão acerca da permanência da memória na festa do Reinado, visando ao acolhimento e à valorização da tradição oral, que é também uma forma de propagação da cultura e construção da identidade.

Ao propor atividades que buscam estimular a pesquisa, a interação, o compartilhamento de saberes e, acima de tudo, a inserção no universo da literatura afro-brasileira, é apresentada uma nova forma de ler o mundo, por meio de valores de cidadania, memória e identidade. Segundo Lajolo,

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (LAJOLO, 2000, p. 106).

Assim, este trabalho busca se alinhar às novas práticas de ensino que objetivam o desenvolvimento da autonomia do aluno no seu processo de reconhecimento e percursos de leitura.

Vale também destacar que este trabalho justifica sua realização por compreender que a literatura não é constituída apenas de obras canonizadas ou acervos de bibliotecas; mais do que isso, ela está presente nas tradições orais, nas memórias, na vida e no corpo de cada pessoa. E é por meio do reconhecimento e valorização dessas tradições e das vivências que as marcam que se busca criar um percurso de aproximação entre os alunos e a literatura afro-brasileira, dado também o aspecto civilizatório da literatura,

relacionado com a capacidade que possui a leitura literária de tornar o indivíduo mais dedicado no que tange aos interesses das coletividades, mais atento aos acontecimentos que o cercam, com a sensibilidade mais apurada para poder sentir e pensar melhor sobre si mesmo e, sobretudo, sobre o próximo (CHIARETTO, 2013).

Para isso, proponho um projeto de ensino composto por oficinas que visam, por meio da riqueza cultural presente em nossa cidade, fazer da sala de aula um espaço de convivência de diversidades e saberes, o que é orientado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo uma das competências específicas de língua portuguesa permitir ao aluno

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o

potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BRASIL, 2017, p. 85).

Gomes, em *Educação e diversidade étnico-cultural*, defende:

avançar na construção de práticas educativas que contemplem o uno e o múltiplo significa romper com a ideia de homogeneidade e de uniformização que ainda impera no campo educacional. Representa entender a educação para além do seu aspecto institucional e compreendê-la dentro do processo de desenvolvimento humano. Isso nos coloca diante dos diversos espaços sociais em que o educativo acontece e nos convida a extrapolar os muros da escola e a ressignificar a prática educativa, a relação com o conhecimento, o currículo e a comunidade escolar (GOMES, 2003, p. 74-75).

Dessa forma, o presente projeto propõe inserir o aluno no universo da literatura afro-brasileira, com o objetivo de fazer com que a leitura literária não seja só um processo individual de decodificação de temas, personagens e autores, mas sim um processo coletivo que possibilita novos olhares e formas de ler os livros e os mundos que eles nos apresentam.

1.3. Objetivos

Objetivo geral

Este projeto de ensino teve como objetivo elaborar e desenvolver atividades que buscassem, através do estudo das memórias presentes nos cantos e contos da festa do Reinado, o acesso à literatura afro-brasileira, bem como a inserção e valorização da cultura local no ambiente escolar. Para isso, foram propostas oficinas de leitura, escrita e contação de histórias, bem como a preparação de livretos de cordel.

Objetivos específicos

- Analisar dados sobre a leitura literária, a formação do leitor e a literatura afro-brasileira;

- Proporcionar o acolhimento das manifestações culturais locais, levando os alunos a reconhecerem o papel fundamental da tradição oral na formação cultural de uma comunidade;
- Mediar a leitura literária, estimulando a reflexão acerca dos aspectos da literatura afro-brasileira;
- Promover práticas de leitura que contribuam para a formação cultural e social do aluno;
- Estimular a sensibilidade e valorização da literatura como forma de reconhecer-se no mundo.

1.4 Referencial teórico

As discussões a respeito da relevância da leitura literária e seu papel na construção social do leitor e de uma sociedade, bem como a função do professor nesse processo tiveram as contribuições dos escritos de Antonio Candido (1967); Marisa Lajolo (2000); Leahy-Dios (2004); Ana Mariza R. Filipouski (2005); Regina Zilberman (2009).

Sobre os aspectos relativos ao comportamento leitor do brasileiro, assim como a questão da influência e mediação de leitura na vida desse leitor, recorreremos à pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4*, organizada por Zoara Failla (2016) e às análises de Marques Neto (2016) e de João Luís Ceccantini (2016).

A propósito da formação do gosto pela leitura, a formação do leitor e a mediação de leitura foram utilizadas como referência principal os estudos de Isabel Solé (1998); Maria do Rosário M. Magnani (2001); Rildo Cosson (2007); José Luís Jobim (2009); Michele Petit (2010) e Magda Soares (2011).

Os estudos sobre a importância da literatura afro-brasileira e as publicações voltadas para os jovens leitores nos últimos anos tiveram como base as pesquisas de Eliane Debus (2017).

Por fim, a elaboração das oficinas destinadas aos alunos do 7º ano tiveram como base as noções teóricas de Rildo Cosson (2007) com a sequência básica do letramento literário.

2. LEITURA LITERÁRIA NO BRASIL

Este capítulo apresentará uma breve reflexão sobre a leitura literária, bem como os principais dados apresentados pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4*, buscando tecer uma análise sobre o comportamento leitor dos estudantes do Ensino Fundamental e as ações de democratização da leitura.

2.1 A leitura literária

Em um país em que o acesso aos bens culturais por grande parte da população é tão difícil quanto obter alguns direitos básicos, tais como saúde e alimentação, a presença da literatura na vida de grande parte dos estudantes das escolas públicas se dá apenas na escola. Lajolo (2000) observa que a participação na distribuição de boa parte dos bens culturais no país é mediada pela leitura e que esta é uma habilidade que nem mesmo todos que foram à escola puderam desenvolver. Frente a isso, nota-se o reflexo dos problemas diversos que levam inúmeras escolas brasileiras a não conseguirem a formação plena dos estudantes, principalmente em regiões mais carentes e de difícil acesso, lugares que por vezes passam por falta tanto de materiais básicos quanto de merenda.

Leahy-Dios, em seu estudo sobre a educação literária como representação da sociedade, afirma:

Conscientizar futuros professores de literatura de seu compromisso com a produção de um conhecimento que possa contribuir para uma sociedade menos desigual significa trabalhar para que esses mesmos professores sejam politicamente conscientes em sua prática, com a percepção clara de que educar é uma instituição política (LEAHY-DIOS, 2004, p. 11).

Assim, concorda-se que desenvolver ações voltadas para desfazer ou minimizar desigualdades que possam influenciar diretamente na forma como os estudantes se representarão em sociedade é o maior desafio para os professores de língua portuguesa, pois, mais do que ensinar a ler e a escrever o que os manuais prescrevem, antes de tudo é urgente que se ensine a ler e escrever o mundo, para que se tenha consciência do papel individual e coletivo numa construção social mais justa e igualitária. Em face disso, tanto no âmbito coletivo quanto no individual, “a conquista da habilidade de ler é simultaneamente o primeiro passo na direção da

liberdade, de uma parte e de outra, para a assimilação dos valores da sociedade” (ZILBERMAN, 2009, p. 27). Segundo Coelho,

Toda *leitura* que, consciente ou inconscientemente, se fala com a essencialidade do texto lido, resultará na formação de determinada consciência de mundo no espírito do leitor; resultará na *representação* de determinada realidade ou valores que tomam corpo em sua mente. Daí se deduz o poder de fecundação e de propagação de ideias, padrões ou valores que é inerente ao fenômeno literário, e que através dos tempos tem servido à humanidade engajada no infindável processo de evolução que se faz avançar sempre e sempre... (COELHO, 2000, p. 40).

Ainda de acordo com Leahy-Dios (2004), estudar literatura é essencial ao processo de educar sujeitos sociais, por se tratar de uma disciplina sustentada por um triângulo interdisciplinar composto da combinação assimétrica de estudos da língua, estudos culturais e estudos sociais (LEAHY-DIOS, 2004, p. 20). Assimétrica porque, em cada etapa do processo educacional, pode ser enfatizado mais um ponto em detrimento de outro. Portanto, compreender os três pontos que compõem o trabalho com a literatura é o que fará com que este cumpra seu papel humanizador e, por isso, também social.

Candido nos diz que o caráter humanizador da literatura é

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 2004, p. 180).

Para Jobim (2009, p. 125), a literatura é social por parte da língua que utiliza, dos temas abordados, dos autores e leitores, e dos recursos utilizados. Sendo assim, “como o texto tem relação com o contexto, a literatura de um país tem relação com este país”; as diferentes épocas, organizações sociais e culturas são traduzidas e trazidas ao leitor pela obra literária. Esta, segundo Candido (1972, p. 806), “significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele”.

Para Filipouski, ler literatura é produzir sentidos

a partir de contextos sociais delimitados, interagindo com aspectos culturais de épocas ou povos diversos, com crenças e costumes com os quais é possível estabelecer identificação ou reconhecer diferenças, aprender o novo, redimensionar o conhecido, partilhar universos próximos ou distantes (FILIPOUSKI, 2005, p. 225).

É, portanto, dado à escola o papel de formação que habilita os estudantes a compreenderem a realidade e se reconhecerem enquanto sujeitos sociais que cumprem uma função e integram um sistema, uma vez que a literatura “favorece a aquisição de conhecimentos e saberes objetivos, mas, principalmente, aprimora a capacidade de pensar e sentir” (FILIPOUSKI, 2005, p. 227).

Cosson (2014) chama a atenção para a possibilidade dada pela literatura de se poder avaliar os valores de uma sociedade. Ele afirma:

Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos (COSSON, 2014, p. 50).

Também por esse motivo, a falta do hábito de ler, segundo indica Magnani (2001, p. 11), “tem sido apontada como uma das causas do fracasso escolar do aluno e, em consequência, do seu fracasso enquanto cidadão”. Ainda referente à função dada à escola – uma educação para a vida –, a leitura literária tem uma grande parcela de responsabilidade. No entanto, não se pode realizar um trabalho realmente significativo no sentido de proporcionar o acesso à literatura sem antes buscar entender a realidade – gostos, influências, preferências e hábitos – dos leitores brasileiros.

Diante disso, nas próximas páginas, serão apresentadas informações fornecidas pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4*, a fim de entender o comportamento leitor dos estudantes do Ensino Fundamental.

2.2 Retratos da leitura nos anos finais do Ensino Fundamental

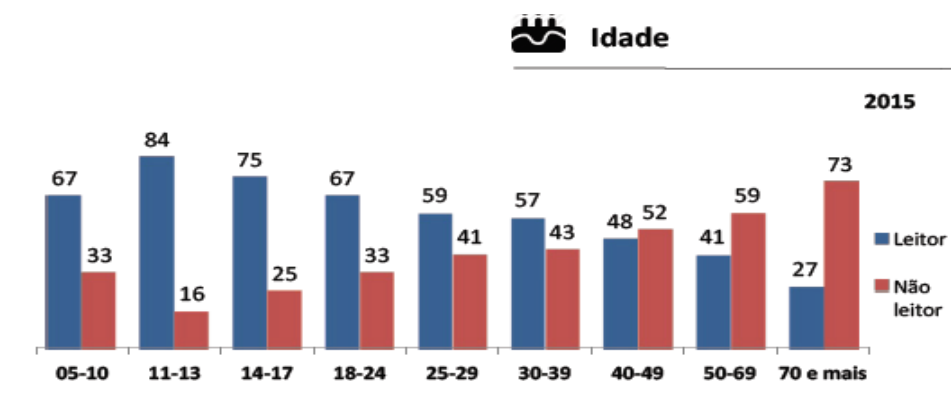
Retratos da Leitura no Brasil 4 é a principal pesquisa realizada com o intuito de analisar o comportamento leitor e as condições de leitura e de acesso ao livro pela população brasileira. Desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro (IPL) no ano-base 2015, com coleta de dados pelo Ibope Inteligência e publicação em 2016, *Retratos* traz os principais dados que possibilitarão traçar uma análise sobre a leitura literária em nosso país. Trata-se de uma pesquisa quantitativa de opinião que realizou 5.012 entrevistas domiciliares em 317 municípios de todas as regiões do país.

A pesquisa considerou como leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses que precederam a coleta de dados. A partir daí, foram traçados pontos que possibilitariam a análise da formação, comportamento leitor, preferências e formas de acesso à leitura. Além disso, considerou também atividades como leitura e compra de livros.

Em linhas gerais, os dados apresentados pela quarta edição da pesquisa, em comparação com a realizada em 2011, revelam-nos um resultado positivo: um aumento de 6% na população leitora do país. Isso significa que, em 2015, o número de leitores era de 104,7 milhões, frente a 88,2 milhões em 2011. Outra constatação relevante é de que o número de pessoas que declararam gostar de ler também aumentou para nove pontos percentuais. Tais dados aparecem na contramão do que o senso comum costuma afirmar sobre o Brasil não ser um país leitor. Apesar de todos os fatores que contribuem para a dificuldade de acesso aos livros, as ações de incentivo e democratização estão lentamente construindo resultados que precisam ser analisados para que futuras ações sejam realizadas.

Dos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, 60% se declararam leitores. Nesse capítulo, será analisado o comportamento leitor de estudantes que se encontram na divisão etária de 11 a 13 anos, respectiva ao alunado que se encontra entre o 6º e o 8º ano. Desses estudantes, 84% são leitores, como é possível observar a seguir.

Gráfico 1 – Perfil do leitor e não leitor: por idade



Fonte: Failla (2016, p. 186).

Sobre a principal motivação para ler um livro, 42% responderam ser por gosto, frente a 16% por distração e 12% por atualização cultural, conhecimento geral ou exigência escolar. Já sobre os fatores que influenciam na escolha, o maior percentual afirma ser pela capa, 23%, seguido do tema ou assunto, 19%. As dicas do professor como influenciador de escolha apareceu apenas com 11%.

Gráfico 2 – Principal motivação para ler um livro: por faixa etária

2015 (%)	TOTAL	FAIXA ETÁRIA								
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais
Base: Leitores	2798	307	204	321	403	254	474	332	439	66
Gosto	25	40	42	29	21	20	16	21	23	25
Atualização cultural ou Conhecimento geral	19	9	12	15	20	23	28	22	19	23
Distração	15	10	16	19	17	17	13	13	12	19
Crescimento pessoal	10	4	7	9	14	10	13	13	10	3
Motivos religiosos	11	3	3	1	4	9	13	16	25	25
Exigência escolar ou faculdade	7	22	12	14	8	3	3	2	0	0
Atualização profissional ou exigência do trabalho	7	1	3	3	9	13	9	8	6	0
Não sabe/Não respondeu	5	11	4	9	6	4	5	4	5	4

Base baixa

P.35) Qual é a principal razão para o(a) sr(a) ler?

Fonte: FAILLA (2016, p. 193).

Outro dado importante da pesquisa é sobre pessoas que influenciaram o gosto pela leitura. No segmento escolaridade, a figura da mãe ou de uma responsável aparece como a principal influência (12%); o professor ou a professora está em segundo lugar, com 7% das indicações; 66% disseram não haver ninguém em especial.

Gráfico 3 – Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura: por escolaridade

Quem mais influenciou o hábito de leitura: por perfil **leitor** x **não leitor**



Fonte: Failla (2016, p. 208).

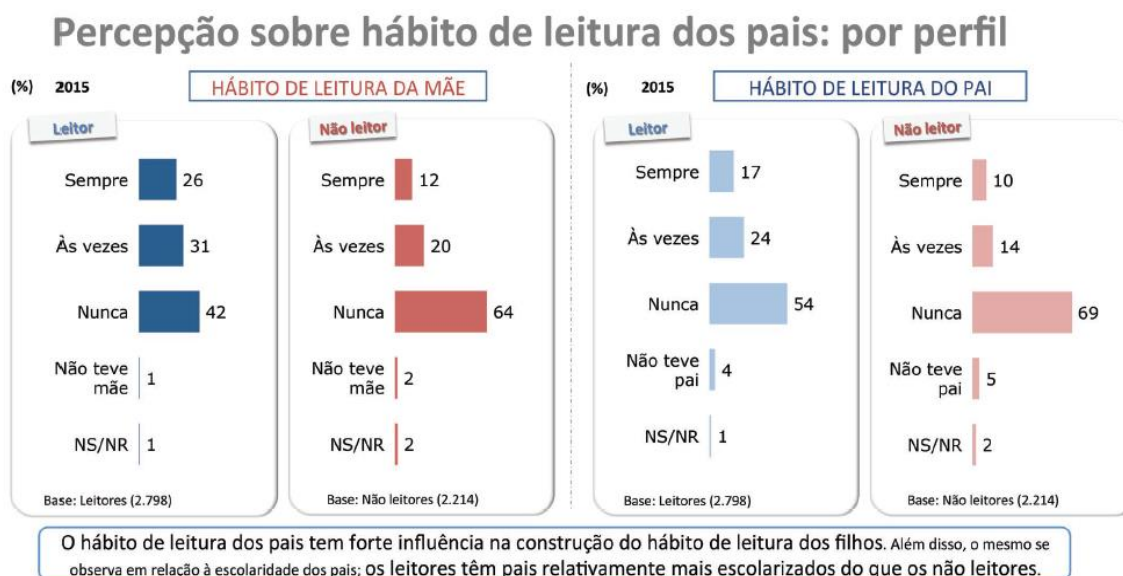
Segundo Failla (2016), organizadora da presente edição da pesquisa, esses dados

apontam para o número de brasileiros que não tiveram a oportunidade de encontrar alguém – na sua escola, na sua família, e até na biblioteca que algum dia frequentou – que lhe oferecesse um livro; que convidasse para uma roda de leitura; que lesse para ele; que o presentearasse com livros; ou, ainda, que perguntasse o que achou de um livro que indicou para ler (p. 25).

Há, portanto, a necessidade de se pensar na mediação do contato entre leitores e livros como fatores determinantes para a formação do gosto e hábitos de leitura. Isso é confirmado ao se constatar que “83% dos não leitores não receberam a influência de ninguém, enquanto 55% dos leitores tiveram experiências na infância pela mediação de outras pessoas” (FAILLA, 2016, p. 35).

É possível comprovar também que há uma relação direta entre a escolaridade dos pais de leitores quando comparada à dos não leitores, ou seja, entre os pais com maior escolaridade, maior é o percentual de filhos leitores. Para 49%, a leitura é a transmissora de conhecimento; segundo 26% dos entrevistados do Ensino Fundamental II, ela ensina a viver melhor.

Gráfico 4 – Escolaridade dos pais: por perfil



Fonte: Failla (2016, p. 210).

Enquanto em 2007 a média era de 4,7 livros por habitante/ano, havendo uma queda em 2011 para 4,0, em 2015 esse número subiu para 4,96 livros por habitante/ano. Nesse ponto, é importante salientar que os dados positivos, mesmo encarados com estranheza por setores que trabalham com a produção e leitura, apontam para um caminho de crescimento que ainda requer cuidados, análises e estratégias que contribuam para o jovem projeto de incentivo e democratização da leitura no país.

Têm papel essencial nesse resultado – timidamente positivo – as políticas públicas de incentivo à leitura e de democratização do livro, que começaram a ganhar novas configurações e abrangências a partir dos anos 2000. A reformulação do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), com a destinação de milhões de livros às bibliotecas públicas e escolares de todo o país, e a criação, em 2006, do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), dinamizaram ações voltadas a

assegurar e democratizar o acesso à leitura e ao livro a toda a sociedade, com base na compreensão de que a leitura e a escrita são instrumentos indispensáveis na época contemporânea para que o ser humano possa desenvolver plenamente suas capacidades, seja no nível individual, seja no âmbito coletivo (BRASIL, 2006, p. 23).

Essas ações facultaram a todos exercer seus direitos e participar de maneira efetiva da sociedade da informação e do conhecimento por meio do acesso às diversas formas do conhecimento.

Segundo Marques Neto, ex-secretário executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura, vinculado aos Ministérios da Cultura e da Educação,

Na dimensão do seu texto, em todas as suas diretrizes indutoras da política pública de leitura e escrita encontramos a marca da inclusão, da recepção e da diversidade, que é talvez a característica mais profunda desta nação, característica esta que também determinou as políticas sociais e, em particular, a política de cultura e de educação do país nos últimos anos (MARQUES NETO, 2016, p. 58).

Se, por um lado, tais políticas levaram os livros às bibliotecas, popularizando seu acesso, por outro, o contato com o acervo só se torna possível também com projetos de democratização da leitura, ou seja, tornar a biblioteca um local aberto a diversos públicos. Porém, o que podemos observar é que a biblioteca escolar tem se tornado um ponto multifuncional em que a leitura e o contato com os livros, em muitos casos, ficam relegados a segundo plano. Apesar disso e por isso, o foco para a dinamização da biblioteca escolar tem sido objeto de diversas pesquisas norteadoras de ações que possam fazer com que a biblioteca volte a cumprir seu papel nas escolas e comunidades. Marques Neto afirma que

o principal desafio que os militantes do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas terão hoje e nos próximos anos, caso o Brasil permaneça um país democrático e com objetivos de políticas sociais inclusivas, será o de convencer verdadeiramente as autoridades públicas de que formar leitores plenos é um elemento essencial, fundamental, estratégico para o desenvolvimento sustentável do país” (MARQUES NETO, 2016, p. 71).

No atual contexto político, tal desafio se torna maior ao se perceber que os incentivos à educação pública têm sido diminuídos e que as expectativas ainda não podem ser claras frente a tantas incertezas. No entanto, é preciso seguir lutando pela garantia do direito à leitura, sendo ela fundamental para que todos possam entender a própria vida e a sociedade da qual fazem parte, para que todos possam ter direito e consciência de escolha, para que todos possam realmente ler.

3. LETRAMENTO LITERÁRIO

Serão apresentadas neste capítulo considerações importantes sobre os pontos que nortearão este trabalho: a formação do leitor; a mediação de leitura no processo de construção do letramento literário; a literatura afro-brasileira e sua relação com a literatura oral e o Reinado,.

3.1 Formação do leitor

A resistência de muitos alunos a atividades que envolvem leitura é recorrente nas aulas de língua portuguesa. Porém, em muitas escolas, os materiais de apoio se resumem ao livro didático e a atividades padronizadas que colocam os alunos em um mesmo nível de desenvolvimento, pressupondo, dessa forma, que todos conseguirão manter um mesmo ritmo de aprendizado e leitura.

Os livros didáticos geralmente trazem um texto de apoio, integral ou fragmentos, junto a exercícios de interpretação, de regras gramaticais e uma produção escrita que tem como modelo o texto inicial. Para Magnani, o livro didático pode

Contribuir para a aquisição dos comportamentos de língua e pensamento através da imitação. Mas, certamente, não garante uma leitura crítica e transformadora da realidade, tornando paradoxal a intenção de, com todos esses artifícios, despertar o prazer de ler e escrever. E é com base nesse material, nesse estereótipo de aula, que se aprovam ou reprovam alunos, que se busca estimular o gosto pela leitura e que se criam imagens imbecilizadas de leitor, texto e leitura (MAGNANI, 2001, p. 56).

Em concordância com essas afirmações, a leitura deve ser levada para além dos modelos prescritos pelos manuais, oferecendo aos alunos condições para que possam desenvolver de forma autônoma a leitura dos textos com os quais convive e dos quais é servido.

Para Zilberman (2009, p. 30), mesmo com o aprendizado e a conservação da habilidade de leitura, “a criança não se converte necessariamente em um leitor, já que este se define, em princípio, pela assiduidade a uma entidade determinada – a da literatura”. Sendo assim, à escola é dada essa função de “cumprir sua tarefa de modo integral, transforma(r) o indivíduo habilitado à leitura em um leitor; se não o

fizer, arrisca-se a alcançar o efeito inverso, levando o aluno a afastar-se de qualquer leitura” (ZILBERMAN, 2009, p. 30).

Em sua pesquisa sobre a formação do gosto pela leitura e literatura, Magnani (2001) afirma que a falta do hábito de leitura é apontada como uma das causas do fracasso escolar do aluno e, conseqüentemente, do fracasso enquanto cidadão. Junto a essa concepção, “se encontra a crença de que a escola forma para a vida e que a leitura, especialmente a da literatura, tem grande parcela de responsabilidade nessa formação” (MAGNANI, 2001, p. 11). No entanto, a aquisição da habilidade de decodificar signos não garante a realização de uma leitura significativa, sendo esta inserida em um processo contínuo de estratégias pelas quais os alunos devem passar a fim de se desenvolverem enquanto leitores proficientes e sujeitos conscientes. Cosson (2014, p. 33) afirma que “saber ler, apropriar-se da escrita, não torna uma pessoa mais inteligente ou mais humana, não lhe concede virtudes ou qualidades, mas lhe dá acesso a uma ferramenta poderosa para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que vive”.

A BNCC ressalta

a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente (BRASIL, 2018, p. 137).

Para que haja uma verdadeira compreensão de si e do mundo, a proposta de ensino da literatura, segundo Jobim (2009), deveria partir da abordagem de temas comuns ao aluno, possibilitando-lhe, dessa forma, refletir sobre a vida e o contexto no qual está inserido.

Magnani (2001) apresenta ainda duas posições de professores de língua portuguesa em relação à leitura literária e os critérios que utilizam para selecionar e utilizar textos. Alguns mantêm fixa a ideia de que cabe ao professor indicar quais são os bons textos, outros já defendem a liberdade de escolha do aluno. A autora ressalta ainda duas vertentes para o primeiro caso: a primeira coloca os clássicos consagrados pela tradição; a segunda utiliza o critério “ideológico”, cuja preferência se volta para os livros infantojuvenis publicados a partir da década de 1970 que enfocam questionamentos e crítica social. É utilizado o termo “síndrome do prazer”

atribuído à liberdade de escolha sobre o que ler, defendida por parte dos professores.

Sobre essa liberdade de escolha, a autora observa

Se propomos ao aluno que ele deve ler apenas o que gosta, não podemos nos esquecer de que esse gosto não é tão natural assim. Pelo contrário, é profundamente marcado pelas condições sociais e culturais de acesso aos códigos de leitura e escrita (MAGNANI, 2001, p. 63).

Além disso, há, segundo Cosson (2014), “posições conflitantes” adotadas por professores de literatura que, mesmo defendendo o valor do cânone, “terminam por diminuir-lhes o espaço e favor de obras mais atraentes para os alunos, tais como os *best-sellers* do momento, sob o argumento de que pelo menos assim eles leem”. Por outro lado, eles insistem em ler textos clássicos “como conteúdo de aprendizagem semelhante a outras disciplinas, não faltando a prova, o resumo e outras formas de forçar a leitura e, assim, introjetar no aluno a imagem desabonadora da literatura” (COSSON, 2014, p. 13-14). Tais conflitos resultam no enfraquecimento do trabalho com a literatura na escola, uma vez que o sentimento de distanciamento e os questionamentos sobre a utilidade da literatura na formação tomam espaço. Soares (2011, p. 56) alerta que a escolarização da literatura pode ocorrer, e ocorre, em muitos casos, de forma inadequada, “como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas, que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o e falseia-o”.

Analisar concepções, encarar a literatura como o espaço do conhecimento e, por isso, desenvolver meios de acesso a ela, são fatores essenciais para que um projeto de formação do leitor literário possa cumprir seu objetivo. Além disso, é necessário lembrar que ler não é um ato solitário. Ler, segundo Soares (2005, p. 18), “é interação verbal entre indivíduos e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros”. E a literatura proporciona essa interação, esse olhar o outro e reconhecer-se como parte de um grupo. Lajolo afirma que

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária,

alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (LAJOLO, 2000, p. 106).

Vista dessa forma, a leitura como um processo de interação e a literatura como uma instituição que reflete a sociedade tem como um de seus elementos base o professor que tenta estabelecer um elo no percurso entre o livro e o leitor, exercendo um papel fundamental nas práticas de leitura e na formação do hábito. Por isso, as próximas páginas tratarão da função do professor como mediador do acesso à leitura literária.

3.2 Mediação de leitura

Desde muito jovens somos ajudados por pessoas que realizam a função de guiar nossas primeiras experiências com as palavras. Sobre essas experiências, Solé observa que

Durante toda a vida, as pessoas, graças à interação com os demais e particularmente com aqueles que podem desempenhar conosco o papel de educadores, vamos construindo representações da realidade, dos elementos constitutivos de nossa cultura, entendida em sentido amplo: valores, sistemas conceituais, ideologia, sistemas de comunicação, procedimentos, etc. (SOLÉ, 1998, p. 40).

Assim também é com a nossa experiência com a literatura: mesmo antes de iniciarmos a vida escolar, antes mesmo da Educação Infantil, habitada predominantemente pelos contos de fadas e canções, já encontramos pessoas que nos apresentam as narrativas que figuram o imaginário da criança. A cada fase a leitura literária vai se tornando mais presente à medida que as etapas da vida escolar vão sendo concluídas. No entanto, algo acontece na passagem para os anos finais – fase em que as aulas de língua portuguesa passam a ter cinquenta minutos – e faz com que a relação com a literatura se torne mais distante e limitada.

Petit (2010, p. 289), em *A arte de ler ou como resistir à diversidade*, afirma que a literatura é algo que “deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo do caminho, para que possam servir-se dela quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar suas experiências”. Sabe-se, porém, que o acesso à literatura, bem como aos bens

culturais de forma geral, ainda é um grande problema no país devido às desigualdades socioeconômicas e, conseqüentemente, educacionais.

Para muitos, o contato com a literatura só é obtido na escola. E a forma como esse contato é realizado fará a diferença no futuro leitor em formação. As fórmulas já gastas pelo tempo, de uma época em que repetição e memorização de regras esmagavam o caráter interpretativo e o senso crítico, já não funcionam para os jovens que se veem diariamente cercados por atrativos eletrônicos e suas cargas de informação.

Apenas indicar um livro para que este seja objeto de análise em fichas de leitura ou provas pode significar uma tarefa desinteressante devido ao caráter impositivo com que é realizada. Outro ponto negativo é o não compartilhamento da leitura e, com isso, a impossibilidade de um acompanhamento por parte do professor em relação às dificuldades e dúvidas. Solé (1998) nos diz que para uma pessoa se envolver em uma atividade de leitura, é preciso que se sinta capacitada a ler e compreender o texto, tanto autonomamente quanto com a ajuda de pessoas que possam orientá-la no processo. E para que isso seja realizado, o auxílio do professor é fundamental.

Para Cosson (2007), o crescimento, enquanto leitores, só acontece frente aos desafios gerados por leituras mais complexas. Por isso, “é papel do professor partir daquilo que o aluno conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura” (COSSON, 2007, p. 35).

Mas, para que o trabalho de aproximação entre os leitores em formação e o texto literário seja realizado de maneira satisfatória, o professor também precisa ter sido contagiado pelo poder transformador da leitura. Petit afirma que só é possível transmitir o amor pela leitura quando também se experimenta desse amor, e ainda considera que

Ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita-se abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal (PETIT, 2008, p. 43).

Ceccantini (2016), em artigo que analisa aspectos da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4*, aponta para “uma defasagem entre os horizontes de leitura dos jovens e dos professores”, uma vez que apenas 11% de leitores entre 11 e 13 anos consideraram a “dica do professor” como influenciadora na escolha de um livro. Frente a esse percentual, dentre as obras citadas pelos profissionais de educação, quase não há referência às de literatura, “delineando-se um panorama quase totalmente focado na leitura de obras religiosas, de autoajuda ou de obras utilitárias de outra natureza. Na mesma linha de pensamento, é preocupante que 37% dos professores respondam que ‘gostam pouco’ ou ‘não gostam de ler’” (CECCANTINI, 2016, p. 94-95).

Os problemas relacionados à formação do leitor de literatura, portanto, não estão centrados apenas no aluno e na falta de interesse – não estou aqui negando que tais problemas existam –, mas, antes de tudo, esses problemas existem na formação de professores leitores de literatura que, em muitos casos, nos cursos de licenciatura, convivem, segundo Zilberman (2000, p. 108), com “atividades interessantes, e que podem realmente tornar mais agradável o tempo na escola, mas que são inócuas quanto ao papel que representam na interação leitor-livro, que é, afinal, aquilo em que a leitura consiste”. A autora também assevera que “um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê”. Somente assim a carga que pesa não só nos nossos ombros, mas também no futuro de nossos alunos, pode deixar de ser pesada pela falta de competência leitora, e passe a ser mais leve pelo repertório de leituras que possibilitam entender o mundo, questionar injustiças e promover a equidade, principalmente na educação.

Na literatura encontramos as diferenças humanas e sociais, nos encontramos e percebemos o outro, conhecemos outros mundos e o nosso lugar, o Brasil e toda a diversidade das heranças étnicas e culturais que formam a cultura brasileira. É por isso que, dentre as diversas literaturas que sabemos existir e sabendo das raízes que sustentaram a construção de nossa sociedade, a literatura afro-brasileira, em particular, ganhará as próximas linhas deste trabalho para que sejam traçados seus principais aspectos e importância na educação e formação humana.

3.3 A literatura afro-brasileira, a literatura oral e o Reinado

A alteração da Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional pela Lei nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica, foi efetivada como parte das políticas de Reparações, de Reconhecimento e Valorização, e de Ações Afirmativas realizadas pelo governo federal.

O artigo 205 da Constituição Federal versa sobre o dever do Estado em promover e incentivar as políticas de reparação a fim de

garantir indistintamente, por meio da educação, iguais direitos para o pleno desenvolvimento de todos e de cada um, enquanto pessoa, cidadão ou profissional. Sem a intervenção do Estado, os postos à margem, entre eles os afro-brasileiros, dificilmente, e as estatísticas o mostram sem deixar dúvidas, romperão o sistema meritocrático que agrava desigualdades e gera injustiça, ao reger-se por critérios de exclusão, fundados em preconceitos e manutenção de privilégios para os sempre privilegiados (BRASIL, 2013, p. 498).

Há quem discorde de tais ações com o raso argumento de que as pessoas assistidas por elas têm condições iguais para ascender social e economicamente. No entanto, as estatísticas atestam o contrário no que tange às condições de vida e educação em que a maior parte da população negra se encontra, bem como sobre a questão da violência de que é vítima.

As Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais chamam a atenção também para as condições necessárias para o sucesso das políticas públicas de Estado, pois estas dependem exclusivamente de

condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas favoráveis para o ensino e para aprendizagens; em outras palavras, todos os alunos negros e não negros, bem como seus professores, precisam sentir-se valorizados e apoiados. Depende também, de maneira decisiva, da reeducação das relações entre negros e brancos, o que aqui estamos designando como relações étnico-raciais (BRASIL, 2013, p. 500).

Contudo, o que se vê em muitas escolas públicas é a dificuldade em incorporar o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana ao currículo de forma válida e significativa, seja por falta de conhecimento e orientação, seja por “priorizar” os conteúdos cristalizados em detrimento de outras práticas, além da

dificuldade em abordar o assunto que foi ignorado pelas idealizações de uma sociedade sem preconceitos.

A literatura, com sua propriedade de trazer à tona abordagens sociais, culturais e históricas, é uma das disciplinas enfatizadas pelas Diretrizes, e as exigências trazidas pela lei em questão ocasionaram, segundo Debus,

o florescimento de um nicho mercadológico a partir da necessidade de livros que tematizem e problematizem as questões étnico-raciais, por meio da representação de personagens negros como protagonistas e narrativas que focalizem o continente africano como múltiplo; desfazendo ideias enraizadas como aquelas que trazem os personagens negros em papéis de submissão e/ou retratando o período escravista, bem como a representação do continente africano pelo viés do exótico (DEBUS, 2017, p. 37).

Sobre essa produção, a autora observa que as obras em circulação para o público infantojuvenil estão divididas em três categorias. A primeira traz a temática da cultura africana e afro-brasileira, “sem focalizar aquele que escreve (a autoria), mas sim o que tematiza”; a segunda é propriamente a literatura afro-brasileira “escrita por escritores afro-brasileiros”; a terceira, as literaturas africanas “de autoria africana” (DEBUS, 2017, p. 25-26).

Mesmo com um aumento na publicação de livros relacionados à temática africana, as dificuldades para que essa literatura chegue ao leitor continuam desafiando nossa prática em sala de aula. Devido a isso, busco uma forma de fazer com que esse caminho entre livro e leitor se torne menos longo por meio da literatura oral, reiterando que o projeto a ser apresentado nas páginas seguintes não traz como base a literatura que parte do povo.

Antonio Candido defendia a literatura em suas diversas formas de expressão. Em sua obra *Literatura e sociedade*, Candido (1967, p. 54) discorre sobre a literatura oral que, para ser entendida, “é preciso não perder de vista a sua integridade estética. E é preciso começar distinguindo, nela como na literatura escrita, - função total, função social e função ideológica”. Como função total, esses cantos ressoam a identidade de cada grupo; suas histórias, saberes e sua representação na coletividade; seu papel desempenhado na inserção dos valores culturais de um grupo reflete sua função social. A concepção a ser transmitida constitui a função ideológica.

Assim, entende-se o festejo do Reinado como um *locus* de transmissão da literatura oral pelos cantos característicos de cada terno. No aspecto coletivo, ainda segundo Candido, tais obras, como pertencentes também ao folclore,

Não podem ser desligadas do contexto, - isto é da pessoa que a interpreta, do ato de interpretar e, sobretudo, da situação de vida e de convivência, em função das quais foram elaboradas e são executadas. Feitas para serem incorporadas imediatamente à experiência do grupo, à sua visão do mundo e da sociedade, pouco significam separadas da circunstância, pois, sendo palavra atuante, são menos e mais do que um registro a ser animado pelo deciframento de um leitor solitário (CANDIDO, 1967, p. 58).

O Reinado, assim como outras tradições de matriz africana, mesmo tendo sua dinâmica convertida em traços característicos do catolicismo, traz exemplos de contiguidade e permanência que fazem com que a festa seja realizada ainda hoje. É, portanto, um território rico e ainda tão pouco conhecido em sua origem e história.

Conceição Evaristo nos fala sobre a necessidade de se reconhecer que as culturas africanas que se fazem presentes em nossa cultura não são apenas contribuintes, mas sim “formadoras da nacionalidade brasileira” (EVARISTO *apud* CEVA, 2013, p. 92). O contexto da festa, suas representações e história podem e devem ser levados a conhecimento dos estudantes, principalmente porque muitos, por desconhecerem seu valor cultural, expressam preconceitos revelados pelo desconhecimento de sua própria história, da pluriethnicidade formadora do que hoje é o Brasil e seu povo, característica revelada na literatura afro-brasileira.

Motivado pelas orientações constantes na legislação nacional, juntamente pela urgência em se pensar práticas de leitura que aproximem o leitor da literatura, o ponto de partida para um projeto possível de formação do leitor literário, a ser descrito no próximo capítulo, será a literatura afro-brasileira presente não só nos livros.

4. PROJETO DE ENSINO

Conforme informações apresentadas no primeiro capítulo, a presença do professor como referência à pessoa que incentiva a leitura e/ou influencia o gosto pela literatura foi pouco citada pelos leitores que responderam à pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4*, fato que indica uma falha no que tange às práticas de leitura e formação de leitores no país e revela a necessidade de se pensar novas formas de promover o contato com a leitura literária nos anos finais do Ensino Fundamental. Diante de tal necessidade, foi elaborado um projeto de ensino que buscou mediar o acesso à literatura por meio do contexto sociocultural em que o público leitor está inserido.

Neste capítulo, portanto, serão apresentadas informações sobre a metodologia utilizada, o material escolhido para o desenvolvimento das atividades, a descrição das oficinas, bem como as características do público leitor a quem o projeto de ensino é direcionado.

4.1 Metodologia

O projeto contou com a análise de respostas a um questionário inicial que teve como foco diagnosticar as preferências de leitura e o conhecimento prévio dos alunos sobre a literatura afro-brasileira. Com base na análise dos resultados, as atividades elaboradas tiveram como fundamentação metodológica a sequência básica do letramento literário proposta por Rildo Cosson (2007).

Tal sequência é constituída por quatro etapas: *motivação, introdução, leitura e interpretação*. Assim, cada etapa será orientada por algumas perspectivas metodológicas utilizadas nas oficinas, com o objetivo de levar o aluno à construção do próprio conhecimento por meio da prática da pesquisa, leitura e produção escrita.

A primeira etapa – a *motivação* – tem o objetivo de estabelecer laços com o texto a ser lido. Trata-se da “construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema” (COSSON, 2007, p. 55). Esse tema deve estar estreitamente ligado ao assunto que será abordado no texto a ser lido, é uma forma de seduzir o leitor por meio da curiosidade e interesse

despertados. O sucesso no desenvolvimento dos próximos passos dependerá desse fator.

Na *introdução*, segunda etapa da sequência, acontecerá a abordagem do tema de forma a contar com elementos que dialogam com a obra a ser lida. Assim, cria-se uma condição de receptividade por parte do aluno.

A partir desse ponto, acontecerá a terceira etapa da sequência – a *leitura* –, realizada de forma mediada, com intervalos para acompanhamento desse processo e auxílio nas possíveis dificuldades. Segundo Cosson, nessa etapa,

o professor resolverá problemas ligados ao vocabulário e à estrutura composicional do texto, entre outras dificuldades ligadas à decifração [...] Ao acompanhar a leitura dos alunos por meio dos intervalos, o professor poderá ajudá-los a resolver ou, pelo menos, equacionar questões que vão desde a interação como o texto, a exemplo do desajuste das expectativas que pode levar ao abandono do livro, até o ritmo de leitura, possível consequência tanto das condições de legibilidade do texto quanto da disponibilidade do aluno para realizar a atividade (COSSON, 2007, p. 64).

Na última etapa – *interpretação* –, acontecerá a socialização das impressões sobre a leitura da obra. Para isso, serão desenvolvidas atividades que permitam ao aluno

compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura (COSSON, 2007, p. 66).

Cada etapa é composta por oficinas que objetivam contribuir para desenvolver as habilidades de leitura, “respeitando o texto literário em sua integridade, considerando o conhecimento prévio de cada aluno, bem como o ritmo de cada um”, para que possamos “vislumbrar leitores literários, que não só compreenderão o texto, mas também utilizarão a literatura em seu contexto social” (SOUZA; COSSON, 2011, p. 106).

Todas as oficinas serão realizadas nas aulas de língua portuguesa e o projeto contará também com a participação da professora de História em uma das etapas. Outros espaços, além da sala de aula e a sala de multimeios, precisarão ser utilizados para a realização do projeto. Ao final das oficinas, recomenda-se montar uma exposição para que os alunos possam apresentar seus trabalhos aos visitantes.

4.2 Público leitor

O projeto de letramento literário teve como foco os alunos de uma turma de 7º ano da E. E. Presidente Tancredo de Almeida Neves, situada na cidade de Cláudio (MG).

A escola tem sido alvo de muitos preconceitos em relação à localização, ao público atendido e também à violência que, ao contrário da concepção de muitos, hoje não especifica lugar para estar presente. Muitos dos julgamentos que surgem partem da falta de conhecimento sobre a realidade da escola e dos alunos atendidos por ela, partem também da distância que se impõe ao conceber a escola como uma instituição desvinculada da vida de seu público, um lugar em que o conhecimento é apenas passado para pessoas que são supostamente iguais em suas capacidades e aprendizagens.

O público leitor a quem as oficinas que compõem este projeto são direcionadas é bem diverso. São alunos com idades entre 11 e 13 anos, com níveis de aprendizagem variados, e o acompanhamento da trajetória escolar pela família, em muitos casos, não acontece. Nas duas turmas de 7º ano em que trabalhei, havia alunos envolvidos com o Reinado, e estes possuem amigos e familiares de outras séries da escola que também participam de ternos.

O comportamento leitor de grande parte das turmas envolvidas é caracterizado pelo empréstimo de livros na biblioteca, porém a leitura da obra completa dificilmente acontece, ao passo em que há aqueles que se recusam a ler. Dentre estes, os motivos vão desde o esquecimento da data da entrega do livro até a afirmação da não afeição à leitura, seja ela de qualquer tipo de texto.

Entre esses alunos, há aqueles que frequentam a biblioteca assiduamente e alguns que têm a possibilidade de comprar livros e trocá-los em forma de empréstimo com os colegas. Assim, inserida em tamanha diversidade de leitores e não-leitores, o projeto se desenvolveu e buscou acompanhar o ritmo de cada aluno.

4.3 Obras selecionadas

Bordini e Aguiar (1993) afirmam que “a formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito” (AGUIAR; BORDINI, 1993, p. 16). Por esse motivo, busquei, na elaboração deste projeto de letramento literário, trazer o que era comum ao público leitor, aproximando a sala de aula das realidades que o cercam a fim de desconstruir a imagem da literatura guardada em estantes e trazer para a realidade a literatura que nos habita.

Após escolher o Reinado como elemento inicial do trabalho aqui descrito, iniciei uma pesquisa sobre a origem dessa festa, os aspectos característicos, os tipos de música, instrumentos e histórias que fazem parte do imaginário coletivo envolvido nessa tradição. Sendo correlata ao Congado, segundo alguns dados historiográficos,

A origem deste ritual deriva da coroação dos “reis da nação” eleitos pelos escravos africanos de diferentes etnias para representar suas respectivas nações de origem aqui no Brasil, e, desse modo também, compartilhar valores e crenças legadas de seus antepassados provenientes do distante continente africano (SILVA, 2007, p. 43).

Sua origem aqui em Minas Gerais, ainda segundo os estudos de Silva (2007), está ligada às irmandades católicas dos “homens pretos”, nascidas no século XVII, as quais homenageavam santos católicos como São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário. Das vilas coloniais, as primeiras irmandades negras teriam se expandido para outras regiões mineiras. Entre as histórias sobre as origens, segundo relatos orais e escritos, são enfatizados, além do aparecimento da Senhora do Rosário, os feitos de Chico Rei, rei africano trazido para o Brasil como escravo que, após trabalhar nas minas de ouro, conseguiu comprar sua liberdade e a de seus amigos. Isso fez com que ele fosse coroado o Rei do Congo no Brasil, obtendo, dessa forma, a oportunidade de realizar a primeira festa do congado.

Chico Rei, segundo o autor, “pode ser lido como um dos mitos de origem influente no processo de ‘atualização’ da performance ritual do congado e da ‘restauração do comportamento’ dos congadeiros – e, de maneira mais ampla, dos

descendentes de africanos no contexto da sociedade mineira contemporânea” (SILVA, 2007, p. 46).

Assim, com base na importância da figura de Chico Rei, consolidada em mito pela aceitação coletiva, busquei obras que trouxessem a narrativa de seus feitos para que fossem objetos do nosso estudo. Encontrei então o livro *Chico Rei*, escrito por Renato Lima (2006), com narrativa de fácil leitura e ilustrações ricas em detalhes, traduzindo as partes mais marcantes da história a ser lida. Considerei-o ideal para a leitura em uma turma com comportamentos leitores tão diversos como os descritos no item 4.2.

O texto traz a voz de uma criança como narradora. Esta, durante uma brincadeira com os amigos, no quintal da casa de sua avó, descobre um buraco no muro. A possibilidade de ser aquele buraco uma antiga mina de ouro inicia a história contada pela avó sobre a vinda de *Galanga*, batizado posteriormente como Francisco, para o Brasil, a escravidão, sua libertação e as tradições culturais cultivadas pelos africanos e como elas se mantiveram até nossos dias.

No que diz respeito à cultura local, além dos diversos vídeos que retratam momentos da festa do Reinado, encontrei uma publicação que trata exclusivamente do tema. A revista *Família Marcelino: tradição, fé e cultura dos negros* apresenta, juntamente com um levantamento histórico sobre a origem da família em questão e a história da festa na cidade, um texto que conta em versos os feitos de um casal de escravos e sua contribuição para a perpetuação da tradição, mantida até os dias atuais. Esse texto foi escolhido para ser lido em uma das etapas iniciais da sequência, não só pela temática, mas pelos aspectos textuais que o aproximam do gênero *cordel*.

Também foi selecionada para as etapas iniciais uma narrativa visual encontrada no *YouTube* com o título *Libertação dos escravos – Maracatu de Chico Rei*. O vídeo traz imagens que sugerem, inicialmente, rituais tribais junto a uma família que recebe destaque como a liderança da tribo. Logo aparecem as figuras dos europeus e os negros sendo levados ao navio, começando a sequência entre a viagem, o sofrimento e a chegada a outras terras. O trabalho na mineração também é mostrado, e a sequência finaliza reforçando a ascensão do personagem principal, com sua libertação e de seus companheiros e a celebração da liberdade.

Espera-se que as pesquisas a serem realizadas pelos alunos e os textos escritos por eles no decorrer das atividades também contribuam como

material para estudo, uma vez que todas as etapas envolvem a socialização dos resultados.

Dessa maneira, o conjunto formado pela linguagem audiovisual e escrita presente nos materiais elencados para a realização das oficinas buscam atender às preferências e ao objetivo de encantar os diversos leitores em formação.

4.4 A sequência básica

I. Motivação

Oficina I - Está chegando o Reinado. E daí?
<p>Objetivo: Promover o primeiro contato dos alunos com o tema, buscando levantar questionamentos a fim de conhecer o que sabem a respeito da festa, o que já ouviram dizer, qual a importância para a cidade e para cada um, estabelecendo, através da pesquisa, um diálogo com as pessoas com as quais convive.</p>
<p>Material necessário: Fotos impressas <i>Datashow</i> (caso haja a opção por projetar as fotos)</p>
<p>Duração: 1 aula</p>
<p>Aplicação: <u>1º momento:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Mostrar aos alunos fotos que retratam a festa do Reinado ou Congado Mineiro. <i>As imagens abaixo foram cedidas por uma fotógrafa local.</i>

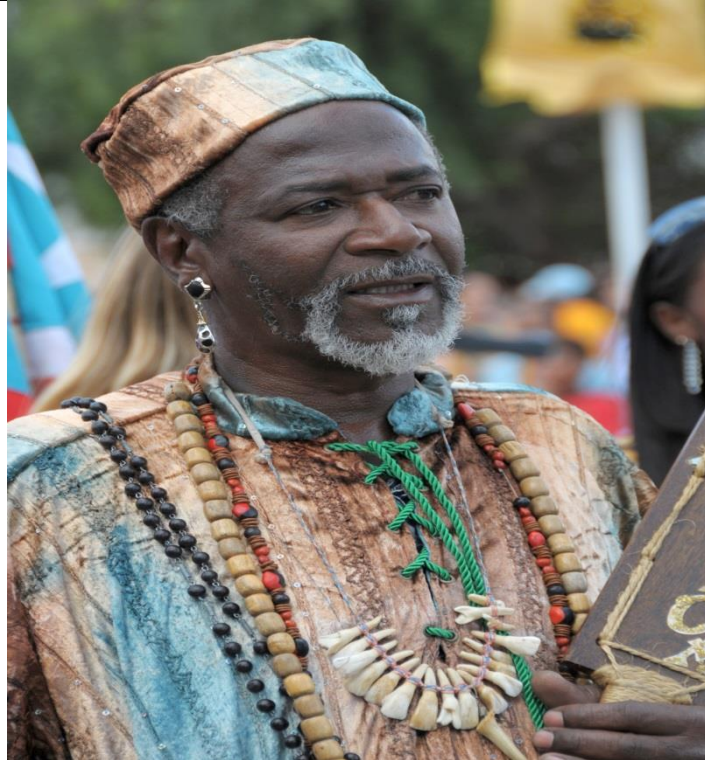


Foto 1 – Capitão / Fonte: Carolina Rocha Fotografia

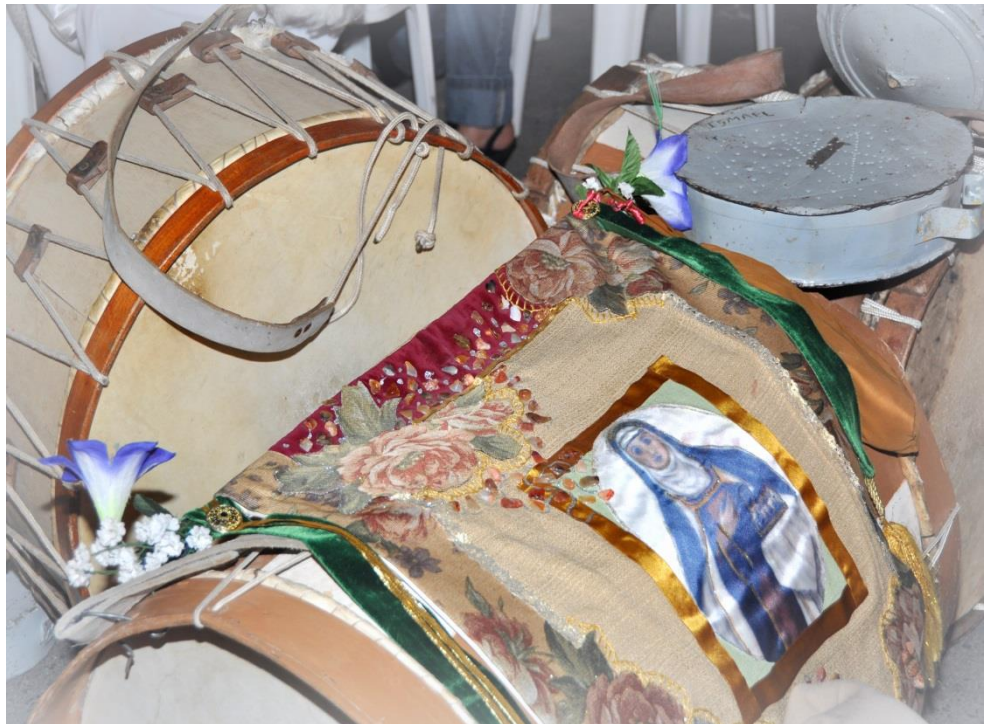


Foto 2 – Instrumentos / Fonte: Carolina Rocha Fotografia



Foto 3 – Terno de vilão / Fonte: Carolina Rocha Fotografia



Foto 4 – Ternos / Fonte: Carolina Rocha Fotografia

- Iniciar a aula com perguntas sobre o tema.

- 1) O que vocês estão vendo nas imagens?
- 2) Vocês conhecem essa festa? Já participaram dela?
- 3) Conhecem alguém que participa?
- 4) Perceberam a diferença dos ternos? Quais as características das roupas? E dos instrumentos?
- 5) Como são distribuídos os instrumentos em um terno?
- 6) Levantamento de hipóteses: Como o Reinado surgiu? Quem o criou?
- 7) Existe algum preconceito em relação à festa? Se existe, quais motivos levam ao preconceito?
- 8) Vocês conhecem alguma história que o povo conta sobre o Reinado?

Espera-se que as respostas sejam curtas e que poucos contarão alguma história relacionada ao tema.

2º momento:

- Solicitar, após a conversa sobre o tema, uma pesquisa/entrevista com as pessoas próximas, a fim de saber um pouco mais sobre o que contam a respeito do Reinado. Orientar sobre a forma de abordagem e quais as perguntas a serem feitas.

A ficha a seguir contém algumas perguntas que servem para estabelecer uma conversa/entrevista com as pessoas que os alunos escolherem, pode ser transcrita no quadro ou entregue a cada aluno em uma folha impressa.

Nome d(o/a) entrevistad(o/a): _____ Idade: _____

- 1) Está chegando o Reinado, você vai participar?
- 2) O que você sabe sobre essa festa?
- 3) Conhece alguém que faz parte de algum terno?
- 4) Qual é a sua opinião sobre o Reinado?

Oficina II – O que o povo conta

Objetivo: Conhecer os saberes da comunidade a respeito da festa do Reinado, bem como seus personagens e histórias. Promover a recepção dos saberes populares na sala de aula.

Duração: 2 aulas

Para esta oficina, prepare previamente a sala para que seja feita a apresentação das pesquisas.

É muito importante que a configuração em filas seja desfeita para que todos possam ver os colegas e assim terem mais liberdade para perguntas e colocações.

A ordem de apresentações fica à escolha do(a) professor(a).

- Apresentar à turma os resultados da pesquisa/entrevista que fizeram.
- Após o término das apresentações, as seguintes perguntas devem ser feitas:

- 1) O que vocês descobriram com essa pesquisa?
- 2) O que vocês aprenderam com as respostas que os colegas apresentaram?
- 3) As pessoas que têm algum conhecimento sobre a festa representam a maioria ou a minoria do total de entrevistados?

Oficina III – A história de nossa gente

Objetivos: Conhecer as raízes da festa por meio de um poema escrito por um personagem vivo, membro de uma família tradicional no Reinado da cidade. Observar aspectos relacionados à história e vida dos escravos. Levar os alunos a perceberem aspectos composicionais e estilísticos do texto e a semelhança com o Cordel.

Duração: 3 aulas

Aplicação:

1º momento:

- Propor a leitura dos versos de Joaquim Levindo da Silva, conhecido como Quinca Marieta, integrante da família Marcelino¹, que conta a história de seus antepassados, desde a África até o presente.



Figura 1 - Capa da revista em que se encontra o poema

Para esse momento é necessária uma organização prévia. Por ser um texto bem extenso, dividir e entregar as partes numeradas para que os alunos façam a leitura de forma coletiva. Orientá-los a seguir a ordem preestabelecida.

¹ A família Marcelino compõe um terno de Reinado e sua origem foi objeto de estudo do historiador Daniel Sampaio Teixeira, publicado na revista *Família Marcelino: tradição, fé e cultura dos negros*.

1	Em uma cidade da África Tinha um casal de namorado A esperança dos dois Era um dia ser casado.
2	O tempo foi passando Até que o dia chegou, No dia 13 de maio Aquele casal se casou.
3	O patrão era homem mau Que nada ele perdoava Tinha que trabalhar demais E se reclamasse apanhava.
4	Era assim que era a vida De Bárbara e Marcelino, Aquele vida terrível Eles aguentavam sorrindo.
5	O tempo foi passando, Bárbara se engravidou. Ela ficou muito pesada, De trabalhar ela parou.
6	Marcelino era valente, Trabalhava sem parar, E todo serviço de Bárbara Ele queria compensar.
7	O patrão era perverso, Chamou Marcelino e falou: - Eu vou te colocar à venda Seja por que preço for!
8	Marcelino ficou desesperado, Sem saber o que fazer, O que vai ser desta criança Que espera pra nascer?

9	<p>Não demorou muito tempo, Um fazendeiro ali chegou. Comprou aquele casal E para sua fazenda levou.</p>
10	<p>O fazendeiro era muito bom, Com o feitor foi falar: - Trate bem esse casal Que acabou de chegar!</p>
11	<p>Marcelino era valente Forte e muito trabalhador. A profissão de ferreiro Do seu pai ele herdou.</p>
12	<p>Marcelino viu em uma coberta Uma tenda bem montada Perguntou qual era o motivo De aquela tenda parada.</p>
13	<p>O feitor lhe respondeu: - Não é falta de dinheiro! Esta tenda está parada É por falta de ferreiro.</p>
14	<p>Marcelino entrou na tenda E o serviço começou. Por ele ser muito caprichoso Sua fama espalhou.</p>
15	<p>Marcelino vivia feliz Com a profissão que ele tinha E para alegrar sua vida Deus lhe deu uma linda filhinha.</p>
16	<p>Marcelino, muito alegre, Não sabe o que está fazendo, Sempre com fé em Deus E sua família foi crescendo.</p>

17	Um dia, Marcelino percebeu Que a vida saiu dos trilhos, Bárbara está muito bonita Mas já tinha dezoito filhos.
18	O fazendeiro fez um galpão E colocou a família com Marcelino Pois ali na senzala Não cabia tanto menino.
19	Um dia, Marcelino chamou o fazendeiro E desse jeito falou: - Não me separe de minha família, Eu te peço, por favor!
20	- Peço a vocês, meus amigos! - Acreditem no que estou falando; O filho mais velho da casa Só tem dezoito anos!
21	Os dezoito filhos de Marcelino Eram muito divertidos, Eram nove homens e nove mulheres E todos eles eram unidos.
22	Um antigo dono da fazenda da Mata, Certo dia viajou. - Vou comprar uns quatro escravos! Foi isto que ele falou.
23	Depois de alguns dias de viagem, Em uma fazenda ele chegou. Ele estava muito cansado, Em uma varanda sentou.
24	De repente ele ouviu um barulho, Lá para fora ele olhava, Era um preto muito simpático, Que ali no terreiro passava.

25	De repente o viajante Com o patrão foi falando: - Aquele preto me serve, Diga o preço que vou pagando!
26	O patrão respondeu: - Precisamos conversar, Ele me fez um pedido E eu pretendo respeitar!
27	- Este preto que você viu É uma gente muito boa, É uma família muito grande Estamos falando de vinte pessoas!
28	- Se a família dele é grande, A minha fazenda é muito mais. Me vendendo esta família Um grande favor o senhor me faz!
29	O fazendeiro pegou aquela família, E para casa vinha voltando, Para ele era um grande sonho Que estava realizando.
30	Quando o homem chegou na fazenda, Ficaram todos muito admirados Por ver uma família tão grande, Era menino pra todo lado.
31	O feitor, um homem muito ruim, Para o patrão foi dizer: - Muitos deles ainda não trabalham, Como eu vou dar o que comer?
32	A pergunta do feitor O patrão respondeu: - Cuida bem do seu serviço, Que desta família cuido eu!

33	- Esta família que chegou A ninguém fazia mal, A casa que eles moravam Era lá no Bananal!
34	Marcelino levantou bem cedo, Com o patrão foi falar. - Precisamos de ferramentas, Para o serviço começar!
35	Marcelino disse para o patrão: - Eu não quero ser um fracasso, Se o senhor tiver uma tenda, As ferramentas eu mesmo faço!
36	O patrão respondeu: - Por esta eu não esperava, Que você fosse um ferreiro Eu nunca imaginava!
37	Marcelino entrou na tenda E começou a trabalhar, Fazendo foice e machado Para a mata derrubar.
38	O patrão disse: - Esta família Veio mudar a minha vida! - Eu vou dar para eles Casa, cama, roupa e comida!
39	Com a chegada daquela família, Os outros empregados enciumavam, Porque todo dia à tarde, O patrão lhes visitava.
40	O patrão voltava para a fazenda, Ele vinha todo contente, Por ver tanta árvore derrubada, Pelos braços daquela gente.

41	Aquele família grande, Todos cresceram ali, Por isso inventaram o Terno, Para todos se divertir.
42	Teodoro na caixinha, Zacarias na sanfona, Com as caixas e os bambus, Faziam tremer a zona.
43	Com o tempo levantaram um cruzeiro, Era onde o povo rezava, E também muitas pessoas As suas promessas pagavam.
44	Quase em toda família Tem um mais inteligente, E por isso que era o Teodoro Que dominava aquela gente.
45	Sempre era no mês de agosto, Que a festa eles faziam, Porque eles acreditavam Que naquele mês não chovia.
46	Para que chegasse naquele mês O povo ficava aflito, Para festejar a senhora do Rosário! Santa Efigênia e São Benedito.
47	Uma senhora rica Que em Cláudio morava, Ela não tinha mais sossego Com a vida que levava.
48	Um dia ela pediu à Santa E a santa lhe atendeu, Em um prazo de pouco tempo, A sua vida floresceu.

49	Ela não sabia o que fazer, De tão alegre que ficou, Ela foi ao Bananal E a coroa do Rosário ela pegou.
50	Ela pediu ao Teodoro Para fazer uma festa boa, Que aqui na cidade Ela entregasse a sua coroa.
51	Teodoro reuniu o povo E decidiu que assim fosse E por isso a festa aqui na cidade Teodoro Marcelino é quem trouxe.
52	Teodoro era um homem charmoso Porém, muito inteligente. Do terno ele é o capitão, Da festa ele é o presidente.
53	Teodoro e o pai dele levantaram a festa E todo mundo assim gostou, A festa ficou aqui E, os dois, Deus já levou.
54	O terno deles ainda existe, Todo mundo pode ver, Quando reúne toda família Ainda faz a terra tremer.
55	É um Terno bastante famoso, Mas ainda continua Comandado pelo Arlindo Este Terno está na rua.
56	O Arlindo ainda é novo Mas é um Marcelino apurado, Lutando com muita bravura Defendendo o nosso Reinado.

57	Este terno que estou falando, Até hoje ainda existe, Por isso minha gente Não precisa ficar triste.
58	Eu escrevi esta passagem Para contar para vocês, Que a festa do Reinado Foi os escravos quem fez.
59	Até hoje ainda me lembro De quando o feitor batia, Gritando por Nossa Senhora, meu Deus! E a pancada no lombo doía!
60	Eu escrevi esta história, Foi com dor no coração, E ao lembrar-me de nossa gente Minha lágrima cai no chão.

- Destacar os pontos importantes do texto, tais como o contexto histórico e as referências locais. Observar também os aspectos textuais: versos e rimas.

Sugestão: Apresentar livretos de cordel para que possam ver outras histórias em versos.

- Dividir a turma em grupos, cada grupo com uma parte do texto, e propor uma ilustração para cada parte.

Sugestão: montar um livreto de cordel que integrará os trabalhos a serem expostos.

Recursos: Textos impressos, folhas em tamanho A4, pincéis e materiais dos alunos.

II. Introdução

Oficina I – O Reinado pede passagem
<p>Objetivo: Promover um momento de interação e contação de histórias, bem como o contato com um contador/cantador do Reinado, criando condições para que os alunos possam se envolver com as narrativas orais próprias da cultura popular local.</p>
<p>Duração: 2 aulas</p>
<p>Aplicação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A contação acontecerá na sala de multimeios da escola, espaço que deve ser preparado a fim de criar um ambiente confortável e acolhedor. • Após a volta para a sala de aula, promover uma conversa sobre a(s) história(s) ouvida(s). <ol style="list-style-type: none"> 1) Alguém já conhecia a história? 2) O que mais chamou a atenção? Por quê? 3) Vocês conhecem alguma outra história parecida? 4) Gostaram do que ouviram? Por quê? <p><i>Sugestão: Solicitar aos alunos que anotem os principais pontos do que ouviram.</i></p>
<p>Recursos: Sala de multimeios.</p>

Oficina II – Quem será esse Rei?
<p>Objetivo: Apresentar aos alunos uma narrativa visual que conta a saga de <i>Chico Rei</i> a fim de estimular a curiosidade sobre o personagem.</p>
<p>Duração: 1 aula</p>

Aplicação:1º momento:

- Convidar os alunos a assistirem a um vídeo. Não dar informações sobre o que vão assistir.
- Projetar o vídeo “Libertação dos Escravos – Maracatu de Chico Rei”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bJkS1nDNMs8>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

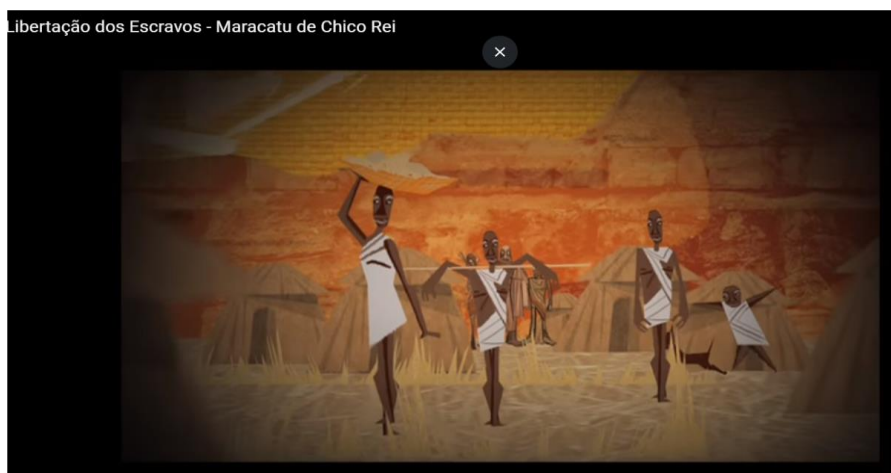


Figura 2 – Vídeo

(O vídeo apresenta uma adaptação do conto de Chico Rei, apenas com imagens e a trilha "A libertação dos escravos", de Francisco Mignone executada pela OSESP, sem falas ou legendas).

- Projetar novamente o vídeo, pausando-o, para que os alunos possam fazer observações sobre o que as cenas sugerem.

2º momento:

- Após assistirem ao vídeo, promover uma conversa guiada pelas questões seguintes:

- 1) Qual era o tema do vídeo?
- 2) Quais eram os personagens?
- 3) De que forma pudemos identificá-los?
- 4) Em que contexto aconteceram os fatos mostrados no vídeo?

Espera-se que nesse momento os alunos possam estabelecer a relação entre os traços característicos das imagens e os povos envolvidos na narrativa, no caso, africanos e europeus, bem como os espaços da narrativa (o navio negreiro, o oceano e uma cidade que remete às vilas coloniais, hoje cidades históricas).

- Informar somente o nome de Chico Rei e convidá-los a escreverem uma narrativa sobre o que puderam inferir sobre a história.

Recursos: Sala de multimeios, projetor, caixa de som.

III. Leitura

Apresentando: Chico Rei

Objetivo: Reconhecer as funções comunicativas da capa de um livro literário: estabelecer pactos de leitura, motivar a leitura.

Promover a leitura do livro *Chico Rei*, de Renato Lima, de forma mediada, com pausas para análise e acompanhamento das dificuldades.

Duração: 4 aulas - o número de aulas previsto para esta etapa pode variar, visto que podem ocorrer imprevistos de ordem escolar.

Aplicação:

- Apresentar o livro aos alunos. O ideal é que seja um exemplar para cada um.
- Fazer a leitura perigráfica do livro, observando detalhes da capa e suas funções.
- A leitura será feita de forma coletiva, inicialmente pelo(a) professor(a),

com pausas a cada nova informação e dúvidas.

- Pode-se também combinar com os alunos o número de páginas a ser lido na aula e, após o tempo demarcado, socializar as informações, reler partes que elegerem interessantes e sanar dúvidas.

Sugestões para o percurso de leitura:

1. Capa – Observem as imagens da capa. Quais são as semelhanças e diferenças entre elas? Há uma figura central em destaque. Qual é a possível relação entre esse foco e a história que iremos ler?

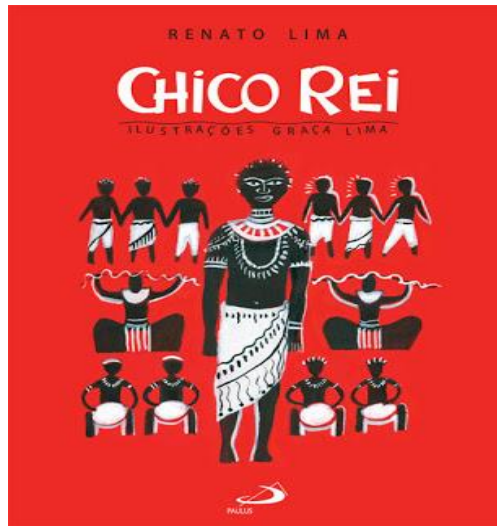


Figura 3 - Capa do livro

2. Predições sobre o narrador – Quem vocês acham que vai narrar a história? Por quê?

3. Leitura da primeira página e verificação do foco narrativo – Quem narra a história? Como foi possível comprovar?

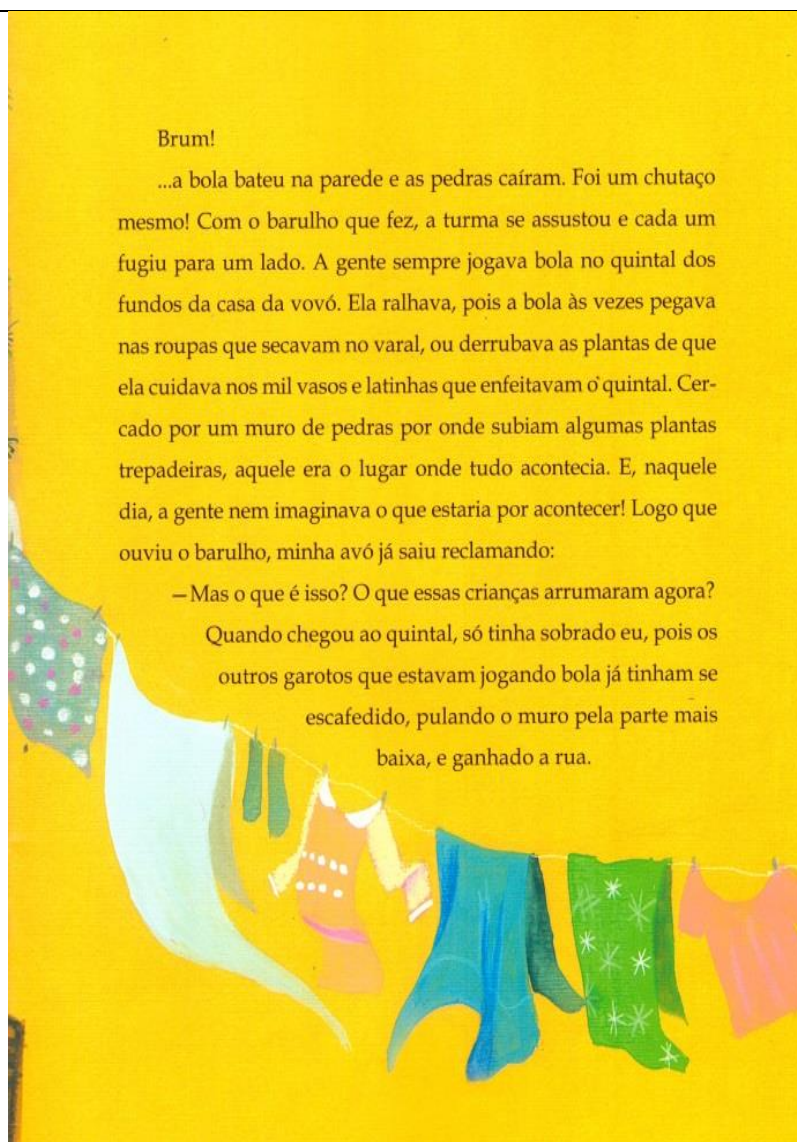


Figura 4 – Página do livro

4. Segunda página – O buraco que se abriu no muro parece ter sido uma mina de ouro. Alguém já visitou uma mina? Vocês sabem como era o trabalho em uma mina?

5. Durante o período de leitura, possivelmente surgirão dúvidas sobre termos como “Mineralogia”.

6. Chamar a atenção para os detalhes das ilustrações do navio negreiro e o trabalho na mineração. Deixar que os alunos expliquem e perguntem.



Figura 5 e 6 – Páginas do livro

7. O batismo cristão é outro ponto enfatizado no texto e nas ilustrações, fato que também aparece no vídeo assistido na etapa anterior. Explicar nesse momento sobre a questão religiosa e a proibição dos rituais africanos.

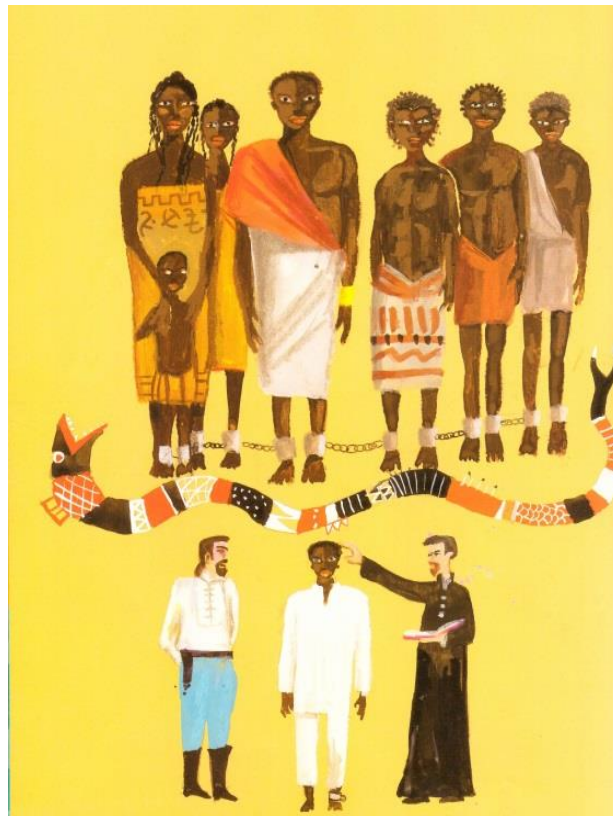


Figura 7 – Página do livro

Naqueles tempos, o catolicismo era a religião oficial do Brasil, outros cultos eram proibidos. Como a perseguição aos escravos era muito grande, para preservar sua cultura, eles escolhiam alguns santos da Igreja Católica para simbolizar os seus Orixás. Por exemplo: são Jorge, que era um guerreiro, era Ogum; santa Bárbara era Iansã. E assim os negros encontraram uma forma de cultuar seus Orixás sem serem perseguidos, pois os brancos pensavam que eles estavam rezando para os santos católicos.



Figura 8 – Página do livro

8. Possivelmente surgirão dúvidas sobre a carta de alforria citada nas páginas seguintes.

9. A luta dos negros pela liberdade, a capoeira e a(o) congada(o) serão citadas ao longo da narrativa e poderão abrir espaço para que os alunos possam expressar opiniões e fazer comentários sobre os temas.



Figura 9 – Página do livro

Hoje já não sou mais um menino. Estou assistindo a uma congada, que é uma festa tradicional mineira que revive a história de Chico Rei. Imagino os negros subindo a ladeira do Alto da Cruz para a missa. Após a missa, todos saindo em cortejo pela cidade, com suas roupas coloridas feitas para a festa. Negros escravos que trabalhavam duro no escuro das minas tinham, naquela festa, seu momento de príncipes e princesas. Os cantos, batuques e danças funcionam como uma lembrança de que sua cultura, mesmo longe da África, mesmo sob opressão, está viva e presente na cultura de nosso povo.

Quanto à mina do quintal de minha avó, hoje se sabe que possui cerca de 80 quilômetros quadrados, com 175 galerias abertas em três níveis de profundidade. Fica em Ouro Preto e pode ser visitada. Não ficamos ricos, pois ela não produzia mais ouro. Mas por meio dela pude entender a grande riqueza das histórias da nossa infância e da contribuição dos negros na formação de nossa cultura.



Figura 10 – Página do livro

IV. Interpretação

Oficina I – A volta de Chico Rei	
Objetivo:	Estimular a criatividade por meio do diálogo entre passado e presente, real e imaginário. Promover a intertextualidade por meio da produção escrita.
Duração:	5 a 6 aulas
Aplicação:	
<u>1º momento:</u>	<ul style="list-style-type: none"> Realizar uma exposição oral e coletiva sobre o enredo e os pontos principais do livro lido.

2º momento:

- Propor aos alunos a criação de um conto ou poema, seguindo os questionamentos abaixo como estímulo para a produção:
 - Como seria se Chico Rei pudesse viajar no tempo e chegasse ao Reinado de nossa cidade?
 - Como ele seria recebido pelas pessoas?
 - Ele procuraria alguém ou algum terno para pedir informações?
 - O reinado de Chico Rei continuou no presente?
 - Agora você já está pronto para escrever esta história. Use sua criatividade e conte como será o Reinado de Chico Rei na cidade de Cláudio.

- Pode-se propor também uma atividade de retextualização na qual será feita a escrita de um poema a partir de todo o conhecimento compartilhado durante as oficinas e a leitura do livro. E após a escrita e revisões necessárias, a produção dos livretos.

Para essa segunda sugestão de atividades, os alunos já devem ter passado pelo estudo do gênero Cordel e, por isso, espera-se um conhecimento prévio das características do gênero.

3º momento:

- Organizar a sala para um momento de leitura/apresentação dos textos produzidos;
- Após a correção, preparar os textos para a exposição.

A exposição dos textos fica a critério do(a) professor(a), pois deve-se levar em conta a forma que se adapta melhor às condições da escola, datas e eventos.

5. RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Neste capítulo serão brevemente apresentados os resultados obtidos durante o desenvolvimento das atividades constantes no projeto de ensino em questão. Sabendo-se que contávamos com um público leitor inicial de trinta e cinco alunos, considerei analisar parte das respostas do questionário, assim como as produções de alguns dos alunos envolvidos no projeto, em razão da relevância e contribuição para este trabalho.

5.1 O questionário inicial e o que ele indica

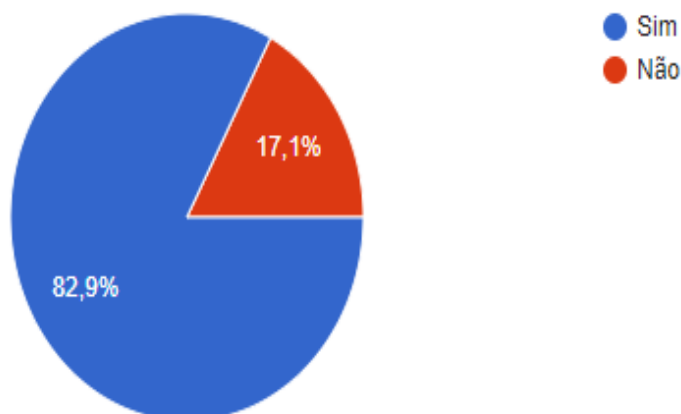
Antes de iniciar a elaboração do projeto de ensino, o questionário inicial, composto por treze questões relacionadas ao gosto e preferências sobre leitura, literatura, biblioteca e literatura afro-brasileira, deu-nos condições para observar preferências leitoras e o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema com o qual se pretendia trabalhar.

5.1.1 Sobre o gosto, preferências e importância da leitura

Gráfico 5 – Questão 1

Você gosta de ler?

35 respostas



Fonte: Questionário de elaboração própria.

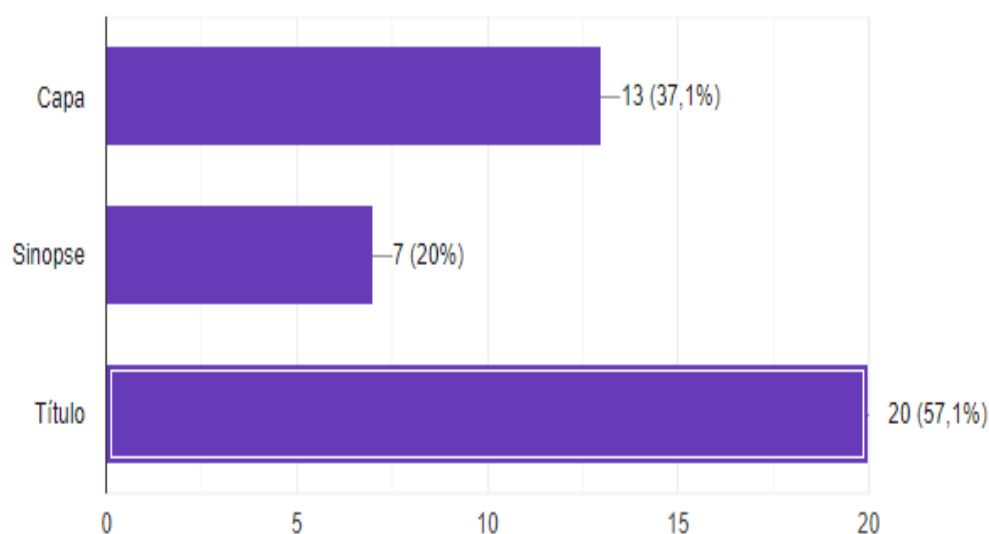
A primeira questão, relacionada ao gosto pela leitura, revela que a maioria dos alunos diz gostar de ler. Essa pergunta envolve a leitura em seu aspecto amplo, por isso, há, nesse total, gostos que envolvem desde a leitura de histórias em quadrinhos a livros mais densos.

Outro ponto relevante foi a resposta à questão sobre o que mais atrai o olhar desse leitor no momento da escolha do livro. O percentual de 57,1% dos alunos afirma que o título é o primeiro a chamar a atenção, e a sinopse ocupa o último lugar, como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 6 – Questão 4

O que mais te chama a atenção na hora de escolher um livro?

35 respostas



Fonte: Questionário de elaboração própria.

Na questão sobre a importância da literatura, cerca de um terço da turma respondeu que ler literatura ajuda a escrever melhor e aprender a língua, outros acreditam na contribuição dessa prática para melhorar o aprendizado e oferecer conhecimentos. Poucos alunos reconhecem que a literatura amplia horizontes e nos permite conhecer o mundo.

alem de despertar sua imaginação você despertara um conhecimento sobre o mundo e os dias atuais ter conhecimento de palavras . onde cujo saber responder e pronunciar certamente a palavras corretas . sem contar o gosta que desperta da leitura...

Fonte: Resposta de um aluno.

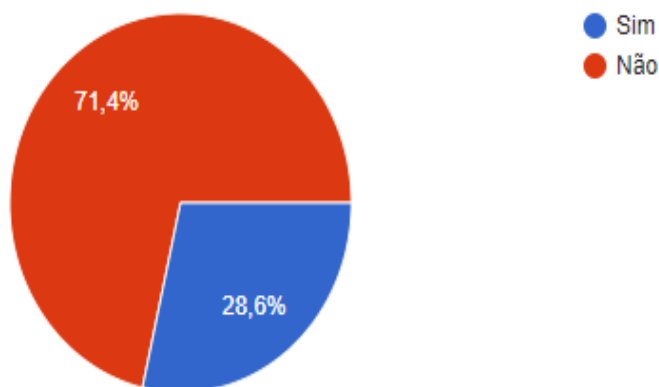
5.1.2 Conhecimento sobre a literatura afro-brasileira

As questões a seguir foram elaboradas para que se pudesse saber sobre o contato e conhecimento prévio do público leitor em relação à literatura afro-brasileira.

Gráfico 7 – Questão 10

Você já ouviu falar sobre literatura afro-brasileira?

35 respostas



Fonte: Questionário de elaboração própria.

O gráfico acima revela que 71,4% dos alunos não detêm nenhum conhecimento sobre a literatura em questão. No entanto, ao analisarmos as respostas dadas à questão posterior, esse percentual aumenta devido ao número de alunos que não souberam responder.

Quadro 1 – Questão 11

Para você o que é literatura afro-brasileira?

35 respostas

nao sei
não sei
coisas de antigamente
nada
não fasso a minima ideia
Não sei
não sei.
Sobre antigos povos negros que habitavam e trouxeram cultura ao Brasil.
sobre antigos povos que leram outros livros
literatura pode ser a epoca de escravidas a cultura dos afro - descendentes
não sei
nao sei
nao sei
tem a ver com cultura literatura religia e mais
onde tem muitos tipos de livros
nao sei o que e
não sei
são leituras antepassadas ou seja que aconteceram na antiguidade do brasil...
um livros que conta sobre o brasil
não sei, provavelmente algo relacionado a cultura afro descendente brasileira
leitura de todo Brasil
é uma biblioteca publica
a cutura do nosso pais

não ouvi falar

Fonte: Questionário de elaboração própria.

Dos trinta e cinco alunos envolvidos, vinte e quatro responderam à questão acima, o que representa cerca de pouco mais de 80% que não conhecem e/ou nunca tiveram contato com a literatura afro-brasileira.

Mais de 80% dos alunos afirmam gostar de ler, porém quase o mesmo número desconhece uma literatura que é tão importante e que, por lei e por nossa consciência social, deveria fazer parte das aulas. Essa falha – que impede uma formação que possibilite não só conhecer, mas também refletir sobre um passado não tão distante que contribuiu para a formação cultural e socioeconômica de nosso país, mesmo sofrendo várias tentativas de repressão, silenciamento e anulação – confirmou a emergência de ações voltadas ao letramento literário que planejamos iniciar.

5.2 A sequência básica do letramento literário

5.2.1 Motivação

Todos os alunos participaram desta etapa e se mostraram muito interessados pelo assunto. Cinco deles contribuíram muito com o levantamento de conhecimento prévio, uma vez que participam ativamente da festa do Reinado e por isso relataram brevemente suas experiências. Muitos disseram participar como espectadores, porém não faziam ideia da história da festa; outros disseram nunca terem participado, seja pela falta de oportunidade ou pelo segmento religioso do qual fazem parte.

Na aula seguinte, alguns relatos dos familiares e amigos ofereceram algumas informações importantes, como a tradição musical, os tipos de vestimentas, os instrumentos e os tipos de ternos existentes. Porém, a maioria do grupo apresentou apenas respostas superficiais que revelavam desconhecimento - fato esperado por se tratar de um assunto sobre o qual não existem muitas fontes de informação além das transmitidas pelas pessoas envolvidas com a tradição. O

trecho a seguir, retirado de uma das entrevistas realizadas pelos alunos, exemplifica essa constatação.

Eu sei que o reinado me parece uma mistura de culturas diferentes, mistura um pouco de história, especialmente a história do Brasil com a vinda dos africanos. Existe uma relação direta com o momento histórico da escravidão, pois existe ali alguns personagens que são retratados, por exemplo a Princesa Isabel, os escravos e os reis, a uma devoção aos santos em especial. (...) E na minha opinião muitos vão à festa pelo movimento e não pela devoção, tirando de mim mesma e hoje em dia presto mais atenção nos ternos e vejo as roupas bem bonitas (...) (H.C. – 7º ano)

A apresentação e a discussão a respeito das respostas foram um convite para conhecer o texto de um integrante da comunidade, o qual, ao trazer as rimas presentes no cantar de seu povo, conta de forma única uma parte da história da festa.

A leitura do texto *Família Marcelino: tradição, fé e cultura dos negros* foi realizada de forma coletiva. Os alunos puderam perceber, além o ritmo dado pelas rimas – com o comentário de que aquele texto “parecia até música” –, alguns dados que marcaram a história, como a alusão à data de treze de maio, assinatura da Lei Áurea, que aparece no texto como data do casamento entre os progenitores da família.

A sequência das oficinas fez com que o interesse pelo tema fosse mantido; por isso, o aproveitamento foi satisfatório. Apenas uma aluna não pôde participar por impedimentos religiosos, mesmo sendo esclarecido que se tratava de uma atividade voltada para a leitura literária.

5.2.2 Introdução

Não foi possível contar com a participação do contador de histórias. Devido a isso, realizamos apenas a *oficina II* desta etapa.

A projeção do vídeo trazendo uma narrativa visual introduziu o tema do livro a ser lido na etapa seguinte de uma forma instigante, pois não havia falas, textos, ou sequer uma palavra que pudesse dar pistas sobre o assunto a ser abordado. O vídeo foi exibido duas vezes, sendo uma vez de forma pausada para que os alunos

pudessem comentar. Um ponto interessante foi o reconhecimento de que se tratava de uma tribo cuja origem foi atribuída à África devido aos elementos que foram aparecendo ao longo da sequência, como pessoas de pele mais clara, com roupas diferentes, e o conflito, o navio e a chegada a outras terras. É possível elucidar essas informações por meio do texto escrito por uma aluna participante do projeto.

A luta pela liberdade

Em um lugar no continente africano, havia uma tribo. Eles eram felizes e unidos, gostavam de dançar e usar máscaras. Lá morava uma família muito importante, uma espécie de líderes, que orientava todo aquele povo.

Certo dia chegaram uns homens estranhos, com sotaque esquisito e cor de pele branca. O líder da tribo foi ver do que se tratava e, quando se aproximou, recebeu um golpe e fora apreendido.

Aí começou o alvoroço. Viu seus amigos lutando e sendo presos, viu sua própria família ser pega e não pode fazer nada.

Depois de todos de serem acorrentados, foram levados a um navio. Lá foram tratados como animais, não comiam e apanhavam constantemente. O líder não sabia o que estava acontecendo, mas mantinha a fé de que tudo iria voltar ao normal.

Depois de se passar vários dias em alto mar, a família do líder estava doente. Vendo aqueles que mais amava naquela situação, fora falar com um dos seus “senhores” para pedir que ajudassem sua família, mas em vez de ajudar eles bateram no líder e jogaram sua família em alto mar. Sem nada poder fazer, o líder ficara ali, prostrado de tristeza.

Após dias, eles chegaram a seu destino: Bahia, mas não ficaram muito tempo ali, embarcaram novamente e foram para Minas Gerais. Tiveram que trabalhar nas minas, foram escravizados durante muito tempo. O líder, já não aguentando mais ver seu povo sofrer, pediu que alguém o ajudasse através de uma oração.

No dia seguinte, uma aparição surgiu nas minas e disse ao líder que batesse sua ferramenta em certa rocha. Assim ele fez. Quando a pedra se partiu, o líder pode perceber que se tratava de uma caverna repleta de ouro. Ele ficou rico e

libertou seus amigos da escravidão. Vendo isso os senhores o prenderam, mas seu povo se revoltou e eles foram obrigados a soltá-lo.

Livres retornaram à África e viveram felizes.

(I. R. – 7º ano)

Seguindo a proposta de produção escrita, com base nas inferências realizadas por cada um, os alunos apresentaram textos que se assemelhavam em muitos pontos com a obra que seria lida na etapa seguinte. Acredito que essa semelhança se deu pelo contexto sociocultural em que o grupo estava inserido. Os pontos em comum – a origem de uma família considerada líder de um povo, a captura dessas pessoas, o sofrimento da reclusão, o trabalho forçado, a mineração e a libertação desse povo – foram citados em todos os textos produzidos, configurando assim um resultado positivo em relação a essa etapa e atendendo aos objetivos propostos.

5.2.3 Leitura

Nesta etapa, os exemplares do livro *Chico Rei*, de Renato Lima, foram colocados dentro de uma caixa que foi deixada no centro da sala organizada para o círculo de leitura. Dessa forma, os alunos puderam, antes do contato com a obra, interpretar pistas que sugeriam o tema do livro a ser lido.



Foto 5 – Caixa de livros / Fonte: Registro pessoal



Foto 6 – Círculo de leitura / Fonte: Registro pessoal

As sugestões para o percurso de leitura foram seguidas. Os alunos observaram que na capa havia uma figura em destaque: o personagem que dava título à obra. Muitos alunos cogitaram a possibilidade de ser o próprio Chico Rei o narrador na história.

Após a leitura da primeira página, houve a pausa para a identificação do foco narrativo. Então, pôde-se certificar que o narrador não era Chico Rei, mas um menino que brincava na casa da avó. Isso foi percebido por termos como “a gente” e “minha”, sendo confirmado logo em seguida com o trecho “só tinha sobrado eu”.

Muitos alunos disseram ter ouvido falar sobre minas de ouro e expressaram uma enorme curiosidade sobre como era feita a extração do ouro, apresentando ainda maior surpresa ao saberem que existem cursos de graduação em que se estuda mineração.

Outras informações foram sendo comentadas, como o período da escravidão, a luta dos negros, as proibições e condições de vida da época e a libertação até nossos dias. Mas mais interessante nesse percurso foi a forma com que a leitura foi feita. Alternamos entre a mediação, a leitura individual e a leitura coletiva. Nessas três formas, o envolvimento dos alunos foi notável, mesmo quando permitidos escolherem um lugar no pátio da escola para que sozinhos pudessem continuar a leitura.



Foto 7 – Leitura mediada / Fonte: Registro pessoal



Foto 8 – Leitura livre / Fonte: Registro pessoal

5.2.4 Interpretação

Foi realizada a segunda sugestão desta etapa, a qual propõe a escrita de um poema de cordel, levando em consideração que o gênero havia sido estudado no segundo bimestre e que algumas oficinas sobre métrica e rimas já haviam sido realizadas.

Assim, partindo da exposição final sobre a leitura, os alunos, separados por grupos, envolveram-se na proposta, apresentando como objeto final textos os poemas, como os exemplares expostos a seguir.

A Liberdade Vale Ouro

No continente Africano,
Vi a tribo de Chico Rei.
Família unida e feliz
Era aquela que encontrei.
Mas mal sabiam eles
Que tudo iria acabar,
Pois de muito, muito longe,
Um navio estava pra chegar.
A viagem era longa,
Demorou muitos meses,
Mas enfim na África
Chegaram os portugueses.
Más intenções eles tinham,
Não demorou muito pra perceber
Que, com aquela gente,
Dinheiro podiam fazer.
O pânico por toda a tribo
Rapidamente se espalhou,
Quando o povo de pele branca
Naquela terra pisou.
Chico Rei desnortado
Nada podia fazer,
Pois até mesmo sua família
Eles queriam prender.
Foram levados a um navio.
Lá não tinha onde pôr gente.
Mesmo assim foram levados
Disso Chico estava ciente.
Viajaram por muitos dias.
Chico Rei já estava injuriado
De tanto ver o seu povo

Daquela forma ser maltratado.
No meio de toda a viagem,
Uns já não iam mais aguentar.
Entre esses sua família
Também fora jogada ao mar.
Chico Rei triste e sozinho
Continuou difícil viagem,
Com um único filho nos braços
E a roupa do corpo como bagagem.
Mesmo com todo o sofrimento,
Seu povo ainda era gentil.
Depois de bastante tempo,
Chegaram ao Brasil.
Na África, terra querida,
Foram um dia muito amados,
Mas agora em outra terra
Seriam feitos de escravos.
Nas minas foram trabalhar
Sob o olhar dos seus senhores,
Até que um dia Chico Rei
OuvIU os seguintes rumores:
Seus senhores iam vender
Uma tal mina "Encardideira".
Seria uma solução!
Se a notícia fosse verdadeira.
Do seu antigo trabalho escravo,
Guardava pedras de brilhante.
Pedras que eram preciosas,
Muito ouro e diamante.
Com o suor de cada dia
E o ouro que escondeu,
Conseguiu a liberdade
Dos amigos que a vida lhe deu.
Os portugueses nada felizes

Com aquela situação,
Mandaram pegar Chico Rei
O trancaram em uma prisão.
Diante de tamanha injustiça,
Seu povo se revoltou.
Os portugueses sem escolha,
Pressionados o libertou.
Chico Rei queria agradecer
E com seu povo rezar,
Mas a igreja dos brancos
Não podia frequentar.
Então, junto ao seu povo,
Uma bela igreja construiu.
Apesar de tudo que passou,
Agradeceu a Deus pelo Brasil.
Uma festa foi criada
Pelo seu povo animado.
Muita gente ainda não sabe
Que ela originou o Reinado.
Festa linda e colorida,
Com muita gente a dançar.
Do céu Chico Rei se alegra
Ao ver os ternos a brincar.

(I. R. / R. D. – alunas do 7º ano)

Memória

Da África ao Brasil,
Da liberdade à prisão,
De uma viagem longa
Ao início da escravidão.
Do reinado de Galanga

À detenção de Chico Rei
Nas minas dos senhores,
Muito ouro encontrei.
A liberdade do meu povo
Com pepitas eu comprei.
E, para agradecer,
A irmandade eu fundei.

B. A. / H. C. – Alunas do 7º ano

Chico Rei

Vou contar uma história
Com muitas coisas ruins,
Mas termina com a glória
De um final bem feliz.

Uma história de escravidão
Difícil de imaginar
Os mercadores iam à África
Para os africanos capturar.

Se chamava Galanga,
Era o rei de sua tribo.
No mar perdeu sua família
Só lhe restando um filho.

Em Ouro Preto trabalhava,
Dia e noite, noite e dia.
Com o ouro que juntava,
Comprou cartas de alforria.

Para a alegria de seu povo,
Uma festa começou.
Cantaram a liberdade
Que finalmente raiou.

Até os nossos dias
O festejo é realizado,
A memória é mantida
E o nome dele é Reinado.

D. L. / F. G. / L. A. – Alunos do 7º ano

Os textos apresentaram estruturas diversas devido ao contexto de liberdade criativa que foi estabelecido, mantendo seu caráter dialógico, uma vez que essas histórias, de acordo com o que observa Evaristo (2011, p. 120-121), “são contadas e recontadas e que o sujeito-narrador dialoga com o já produzido, na medida em que reelabora o que ouviu e acrescenta sua contribuição própria – dados da experiência, ‘visão de mundo’ e formação cultural geral”.

A interpretação possibilitou a avaliação da leitura por meio da compreensão global do texto e, conseqüentemente, através da produção escrita realizada pelos alunos.

5.3 Desdobramentos

Ao final da leitura do livro, os alunos demonstraram enorme interesse em conhecer uma mina e, frente à informação de que existia a mina do Chico Rei em Ouro Preto, não havia mais qualquer possibilidade de não atender à solicitação do passeio.

A contação de histórias acabou acontecendo por meio desse desdobramento do projeto. Ao chegarem à mina, os alunos foram recebidos pelo “guardião” Toninho, que contou toda a história de Chico Rei, baseado nos relatos de sua mãe e no romance escrito por Agripa Vasconcelos, publicado em 1966, primeiro

registro escrito dos feitos do rei africano e que levanta divergências sobre ser puramente um texto de ficção ou romance histórico.



Foto 9 – Contação de histórias / Fonte: Registro pessoal

Houve então a possibilidade de os alunos verificarem as variações do relato oral e a ponte e adaptações que se fazem entre o oral e o escrito. Foi uma experiência enriquecedora que muito contribuiu para a finalização do trabalho na exposição “O Brasil que veio da África”, realizada de forma interdisciplinar entre Língua Portuguesa e História.



Foto 10 – Mina do Chico Rei / Fonte: Registro pessoal



Foto 11 – Visita à mina do Chico Rei / Fonte: Registro pessoal

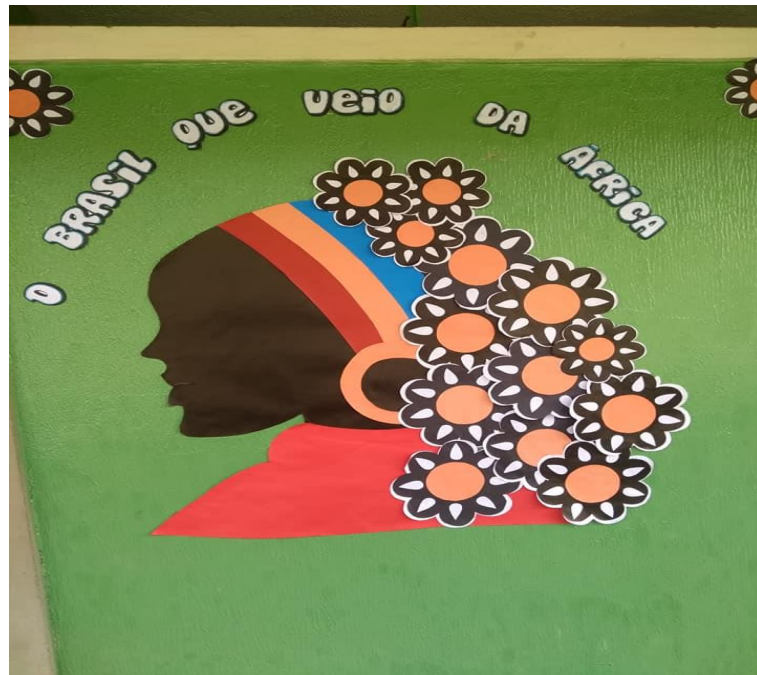


Foto 12 – Painel da exposição / Fonte: Registro pessoal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conviver com as afirmações no meio docente de que a literatura perdeu seu lugar sempre foi um motivo de desconforto por acreditar na contribuição da leitura literária no processo de formação intelectual e humana. Aceitar essa perda de espaço é concordar com a falha nessa formação e, portanto, conformar-se. No entanto, frente a esse desconforto, os questionamentos acerca da identificação de falhas no processo de realização de práticas de leitura e a necessidade de aproximação entre a literatura e o aluno motivaram a realização deste trabalho. Por esse motivo, buscamos entender os principais dados que traçam um perfil leitor em nosso país, junto às dificuldades em se promover a leitura literária em nosso contexto.

Os fatores que impedem a literatura de chegar aos leitores vão desde a falta de condições para se comprar um livro ao desconhecimento a respeito das bibliotecas. Os dados da pesquisa aqui apresentados mostram também uma falha no processo de mediação, uma vez que os professores, que deveriam aparecer como os principais incentivadores da leitura, são menos citados que a mãe, por exemplo. Mesmo com a concepção de que a leitura traz conhecimento e ajuda a viver melhor, ainda temos muito a caminhar para um processo de democratização da leitura, mais ainda neste momento em que enfrentamos mudanças políticas que só têm retirado direitos em vez de fortalecê-los.

Garantir o acesso à literatura não se resume em abrigar bons acervos em bibliotecas, mas em popularizar esse acervo e colocá-lo em circulação. Ao refletir sobre a forma como tentamos alcançar esse objetivo, foi possível constatar que a repetição de fórmulas de atividades de leitura e avaliação da leitura provoca o sentimento de impotência frente à resistência dos leitores. Porém, a realidade é que essa resistência parte das dificuldades encontradas durante o processo que, em muitos casos, solitário e sem qualquer acompanhamento, ignora particularidades existentes em uma sala de aula.

Considerar a pluralidade de leitores e levar em consideração os contextos sociais em que vivem foram os pontos norteadores na elaboração deste projeto. Além disso, para a seleção do material base para a leitura, tivemos como orientação os escritos de Jobim (2009), os quais nos falam sobre a importância de se

selecionar textos que estejam mais próximos do universo linguístico e cultural do aluno, partindo do mais fácil para o mais complexo à medida que as habilidades leitoras vão sendo desenvolvidas.

Os dados do questionário aplicado em sala de aula revelaram que, apesar de grande parte dos alunos terem declarado gostar de ler, um número proporcional indicou desconhecimento a respeito da literatura afro-brasileira, fator preponderante para a escolha do tema do projeto. Outro aspecto importante foi ter como ponto de partida algo relacionado à vivência deles e que, no caso do Reinado, ainda permanecia um desconhecimento, apesar da participação de muitos no festejo.

É importante salientar que, ao eleger o tema, não pretendia ter a festa do Reinado em si como o foco do trabalho, mas um meio para que se reconhecessem histórias que atravessam séculos por meio da tradição oral. Concordando com Candido (1995), essa tradição é literatura e, por isso, também um direito.

As etapas da sequência básica do letramento literário permitiram acompanhar a evolução dos alunos, de forma a possibilitar que cada um percebesse sua evolução dentro das perspectivas de leitura. Ler, questionar, descobrir, imaginar, escrever – estas foram ações presentes em todas as aulas. Por meio da socialização dos resultados, todos se viram como agentes desse processo.

De acordo com Leahy-Dios (2004, p. 234), “somente a literatura pode incentivar a sensibilidade do indivíduo para o artefato artístico através do desenvolvimento dos sentidos, das emoções e da razão”, o que pode ser visto, principalmente, na etapa de interpretação, quando os alunos puderam expressar o que de fato internalizaram da experiência vivida, com a liberdade de escolha das palavras, rimas e arranjos textuais que melhor apresentassem o que tinham para dizer, confirmando também o que afirma Jobim sobre o trabalho com a literatura na escola:

Além de possibilitar uma conscientização de diferenças entre o espaço oral e o escrito, enseja também uma modelização textual do aluno, incluindo em seu repertório novos gêneros e modalidades de escrever e proporcionando-lhe o contato com uma realidade linguística diferente daquela com que normalmente está habituado a lidar (JOBIM, 2009, p. 118).

As atividades desenvolvidas trouxeram para os alunos uma experiência inovadora de leitura, e para a escola a oportunidade de também conhecer um pouco sobre as leituras que passam despercebidas por nós. Trouxe para os alunos a oportunidade de construir o conhecimento a cada etapa; junto a isso, a função de se tornarem também narradores e contadores de uma história.

Após a finalização do projeto, que ainda contou com a visita à mina e a exposição de trabalhos, percebi que muitos alunos procuraram livros com temáticas relacionadas à literatura afro-brasileira e encontraram, por exemplo, *Contos africanos* da coleção Para gostar de ler, e *Lendas de Exu*, de Adilson Martins. Este foi outro resultado positivo proporcionado pelo projeto desenvolvido.

Terminei este trabalho convencida de que os caminhos para a formação de leitores literários são possíveis e podem se tornar mais fáceis se nos aproximarmos das experiências vividas pelos alunos, se procurarmos identificar gostos e respeitar as individualidades e processos de aprendizagem, valorizando o conhecimento que cada um traz consigo e mostrando que a educação se constrói com a colaboração de cada um. Ainda temos muito a percorrer. No entanto, é preciso que nós, professoras e professores, percebamos que, em vez de esperarmos um mapa, há muitas bússolas que podem nos guiar, presentes nas estantes de nossas escolas, esperando para nos ajudar a encontrar um caminho.

REFERÊNCIAS

BORDINI, M. da G. e AGUIAR, V. T. de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. BNCC. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 08 de jan. 2018.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>> Acesso em: 10 de out. 2018.

BRASIL. Presidência da República. *Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 10 de out. 2018.

BRASIL. Plano Nacional do Livro e Leitura. Disponível em: <https://www.oei.es/historico/fomentolectura/pnll_brasil.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

BRASILEIRO, Jeremias. *Cultura Afro-brasileira na Escola: o congado em sala de aula*. 1 ed. São Paulo: Ícone, 2010.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e cultura*. São Paulo. USP, 1972.

_____. *Literatura e Sociedade*. 2ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CECCANTINI, João Luís. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. In: FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. 4. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

CEVA, Antonia Lana de Alencastre. *Intelectuais Negras: escritórias de mulheres negras e angolanas como instrumento de resistências sociocultural*. (Tese de doutorado) PPG Serviço social PUCRJ, 2013, 226 p.

CHIARETTO, Marcelo. *Letramento literário e recursos didáticos renovados para um educador cidadão*. Universidade Federal de Minas Gerais. IV SILID III SIMAR 2013. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23457/23457.PDFXXvmi=>> . Acesso em: 12 fev. 2018.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil*. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*; Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003; 2010.

_____. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Letramento Literário: teoria e prática*. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

DEBUS, Eliane. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Cortez, 2017.

FILIPOUSKI, Ana Mariza R. Para que ler literatura na escola?. In.: _____. *Teorias e fazeres na escola em mudança*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Educação e diversidade étnico-cultural. In: RAMOS, Marise Nogueira; ADÃO, Jorge Manoel; BARROS, Graciete M. N. (Orgs.). *Diversidade na Educação: reflexões e experiências*. Brasília: Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 2003.

JOBIM, José Luís. A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Orgs.). *Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6ed. São Paulo: Ática, 2000.

LEAHY-DIOS, Cyana. *Educação literária como metáfora social: desvios e rumos*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LIMA, Renato. *Chico Rei*. Ilustração de Graça Lima. São Paulo: Paulus, 2006.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura; literatura e escola – sobre a formação do gosto*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARQUES NETO, J. C. Retratos da Leitura no Brasil e as políticas públicas – Fazer crescer a leitura na contracorrente – revelações, desafios e alguns resultados. In.: In: FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. 4. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

PETIT, Michele. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. Descomplicando o ensino de literatura. In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Teodoro da. *Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto*. São Paulo, Global Editora, Associação de Leitura do Brasil (ABL), 2008. p.55-61.

SILVA, Rubens Alves da. Chico Rei Congo do Brasil. In.: SILVA, Vagner Gonçalves da. (Org.). *Memória afro-brasileira – imaginário, cotidiano e poder*. São Paulo: Selo Negro, 2007.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma questão platoniana. IN: ZILBERMAN, Regina. SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.) *Leitura: Perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo-SP. Ática, 2005, p.18-29.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A.A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.). *Escolarização da leitura literária*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.p. 17-48.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. In.: COELHO, Sônia Maria (Org.). *Caderno de Formação – Conteúdo e didática de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>> Acesso em: 15 dez. 2018.

TEIXEIRA, Daniel Sampaio. *Família Marcelino: tradição, fé e cultura dos negros*. Cláudio: [s.n.], 2012.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura de literatura. In.: ZILBERMAN, R. & RÖSING, T. M. K.. *Escola e leitura – velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

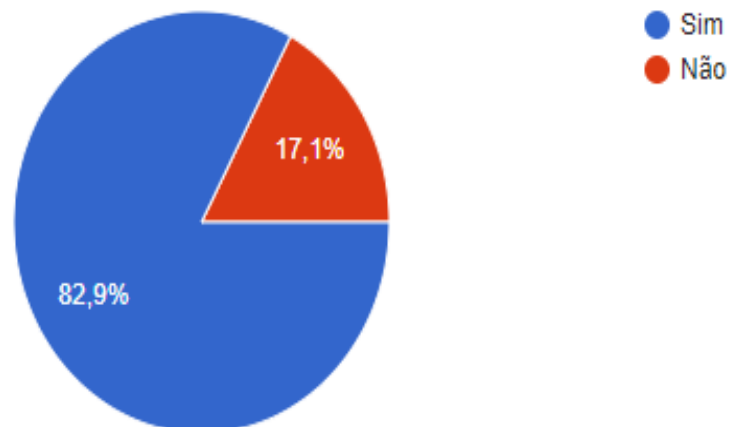
_____. Respondendo em forma de proposta. In: ZILBERMAN, R. & SILVA, E.T. da. *Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto*. São Paulo, Global Editora, Associação de Leitura do Brasil (ABL), 2008.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário completo

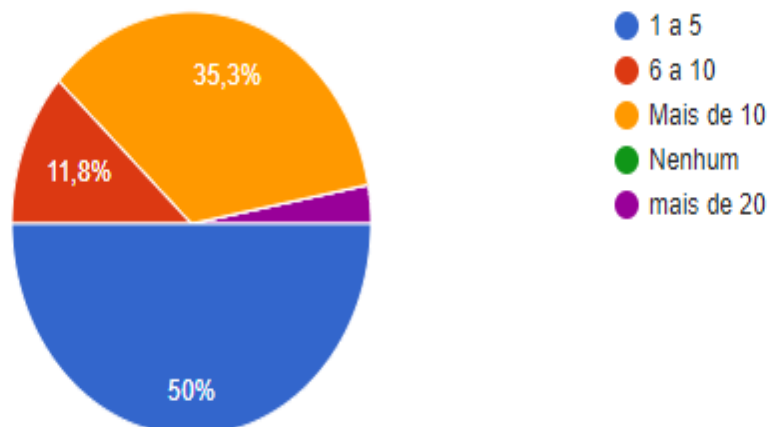
Você gosta de ler?

35 respostas



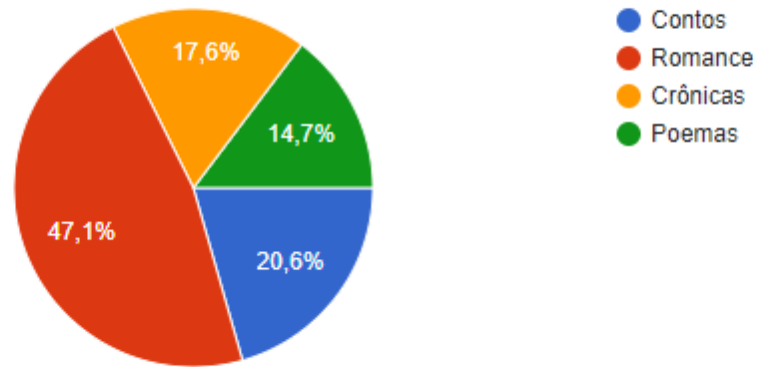
Quantos livros você costuma ler durante o ano?

34 respostas



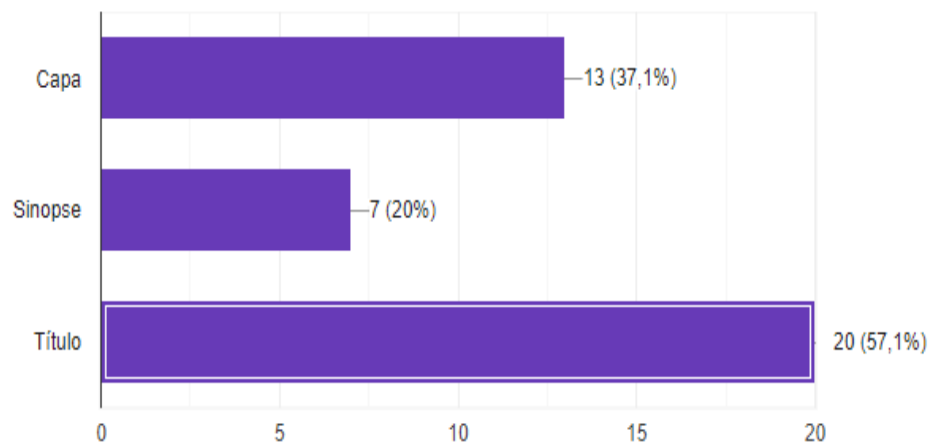
Qual tipo de livro você mais gosta?

34 respostas



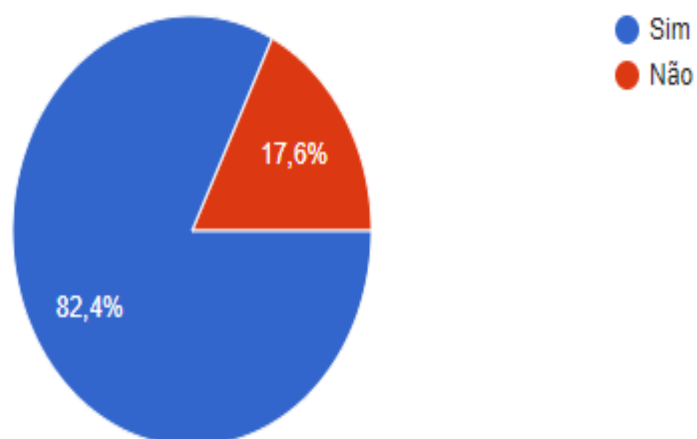
O que mais te chama a atenção na hora de escolher um livro?

35 respostas



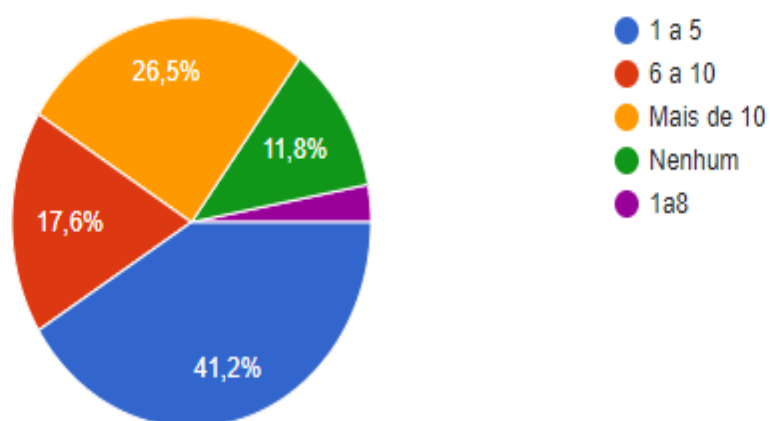
Você já leu algum livro indicado por alguém?

34 respostas



Você tem quantos livros?

34 respostas



A literatura é importante? Por quê?

33 respostas

- porque ajuda no nosso estudo
- sim,porque ajuda no aprendizado
- sim.porque ajuda no desenvolvimento do portugues
- Sim para melhorar seu desenvolvimento
- sim,pois ajuda no aprendizado
- sim,porque ajuda no desenvolvimento
- sim, pois ela te oferece muitos conhecimentos.
- a literatura e importante porque ajuda agente a aprende a ler mais rapido
- por que leitura importante
- sim,pois ajuda no português
- Pois ela trás conhecimento sobre o mundo em geral.
- ajuda a ter mas conhecimento com os livros

- sim, porque você entra em uma outra realidade,vive e se coloca no lugar do personagem e a literatura te leva para sonhar .
- mais ou menos não costumo a ler muito
- sim com ela aprendemos muitas coisas
- pra tudo
- ajuda no desenvolvimento mental e no escrever dos textos e etc
- por que ajuda no desenvolvimento da leitura
- sim
- não é importante
- para as pessoas a preder mais
- sim por que e importante para aprendemos

alem de despertar sua imaginação você despertara um conhecimento sobre o mundo e os dias atuais ter conhecimento de palavras . onde cujo saber responder e pronunciar certamente a palavras corretas . sem contar o gosta que desperta da leitura...

para aprender palavras diferentes

por que e a partir da leitura que agente consegue abrir novos horizontes

ss porque eu gosto de ler livro

sim pq vc descobre coisas novas no mundo de hj pq as pessoas so ficam ligadas na tecnologia um livro e importante para mexer com sua mente e seu mundo descobrir coisas novas um livro e muito bom para aprender as coisa novas e descobrir as historias do livro e o nome do autor me enteresa pelo q eu ja algumas historias obg por essas pergunta

sim porque ajuda agente a ficar boa na leitura

para ajudar a leitura a conhecer mais e ajuda a imaginar

pois instimula na imaginação

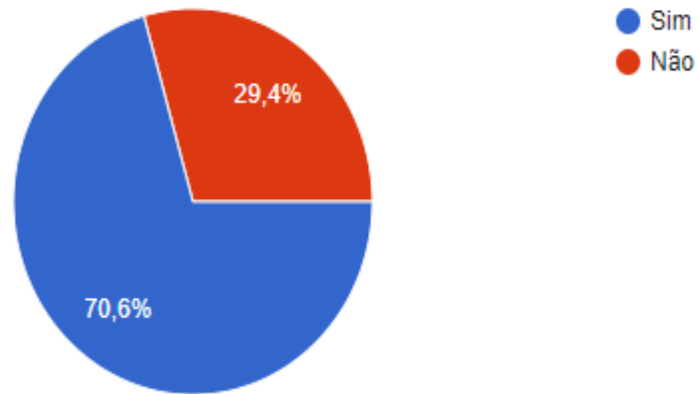
no tempo que voce fica ato pode ler um livro

ajuda raciocina

sim pois literatura faz parte daninha e de muitas outras eu gosto bastante de ler literatura e vida

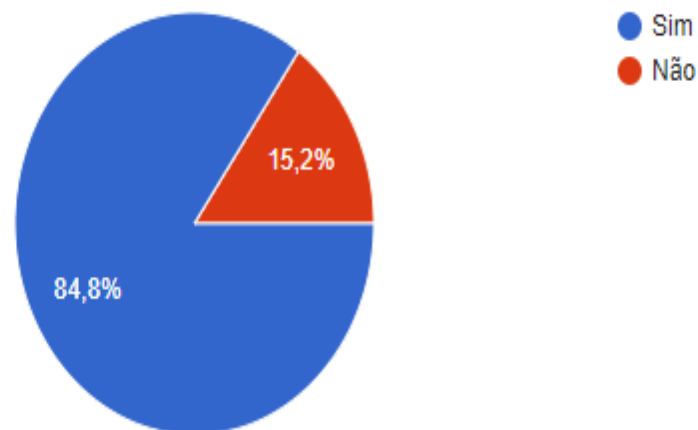
Você gosta de biblioteca da escola?

34 respostas



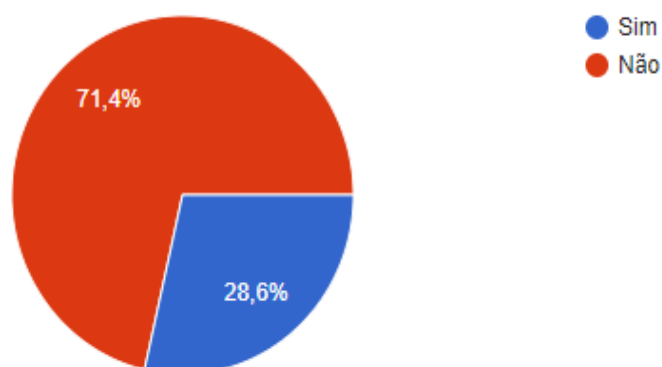
A biblioteca da escola poderia ser melhorada?

33 respostas



Você já ouviu falar sobre literatura afro-brasileira?

35 respostas



Para você o que é literatura afro-brasileira?

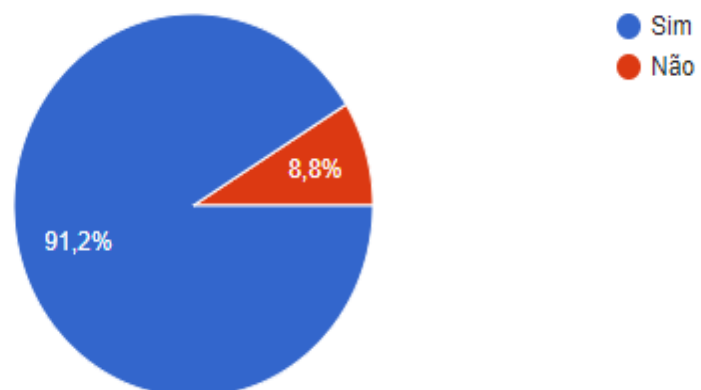
35 respostas

nao sei
não sei
coisas de antigamente
nada
não fasso a minima ideia
Não sei
não sei.
Sobre antigos povos negros que habitavam e trouxeram cultura ao Brasil.
sobre antigos povos que leram outros livros
literatura pode ser a epoca de escravidas a cultura dos afro - descendentes
não sei
nao sei

nao sei
tem a ver com cultura literatura religia e mais
onde tem muitos tipos de livros
nao sei o que e
não sei
são leituras antepassadas ou seja que aconteceram na antiguidade do brasil...
um livros que conta sobre o brasil
não sei, provavelmente algo relacionado a cultura afro descendente brasileira
leitura de todo Brasil
é uma biblioteca publica
a cutura do nosso pais
não ouvi falar

Gostaria de aprender mais sobre literatura afro-brasileira?

34 respostas



ANEXO B – Texto original lido na etapa da motivação

Joaquim Levindo da Silva (conhecido como Quinca Marieta), neto de Teodoro Marcelino Gonçalves, registrou em versos a origem da família Marcelino. A história tem início na África, em região desconhecida, mas que está intimamente ligada ao tráfico de escravos para o Brasil. É a história de Marcelino e Bárbara.

Em uma cidade na África
 tinha um casal de namorado
 a esperança dos dois
 era de um dia ser casado.
 O tempo foi passando
 até que o dia chegou,
 no dia 13 de maio
 aquele casal se casou.
 O patrão era homem mau
 que nada ele perdoava
 tinha que trabalhar demais
 e se reclamasse apanhava.
 Era assim que era a vida
 de Bárbara e Marcelino,
 aquela vida terrível
 eles aguentavam sorrindo.
 O tempo foi passando,
 Bárbara se engravidou.
 Ela ficou muita pesada,
 de trabalhar ela parou.
 Marcelino era valente,
 trabalhava sem parar,
 e todo serviço de Bárbara
 ele queria compensar.

O patrão era perverso,
 chamou Marcelino e falou:
 – Eu vou te colocar à venda
 seja por que preço for!
 Marcelino ficou desesperado,
 sem saber o que fazer,
 o que vai ser desta criança
 que espera para nascer?
 Não demorou muito tempo,
 um fazendeiro ali chegou.
 Comprou aquele casal
 e para a sua fazenda levou.
 O fazendeiro era muito bom,
 com o feitor foi falar:
 – Trate bem este casal
 que acabou de chegar!
 Marcelino era valente
 forte e muito trabalhador.
 A profissão de ferreiro
 do seu pai ele herdou.

Marcelino viu em uma coberta
 uma tenda bem montada
 perguntou qual era o motivo
 de aquela tenda parada.
 O feitor lhe respondeu:
 – Não é falta de dinheiro!
 Esta tenda está parada
 é por falta de um ferreiro.
 Marcelino entrou na tenda
 e o serviço começou.
 Por ele ser muito caprichoso
 sua fama espalhou.
 Marcelino vivia feliz
 com a profissão que ele tinha
 e para alegrar a sua vida
 Deus lhe deu uma linda filhinha.
 Marcelino, muito alegre,
 não sabe o que está fazendo,
 sempre com fé em Deus
 e sua família foi crescendo.
 Um dia, Marcelino percebeu
 que a vida saiu dos trilhos,
 Bárbara está muito bonita
 ma já tinha dezoito filhos.
 O fazendeiro fez um galpão
 e colocou a família com Marcelino
 pois ali na senzala
 não cabia tanto menino.
 Um dia, Marcelino chamou o
 fazendeiro
 e desse jeito falou:
 – Não me separe de minha família,
 eu te peço, por favor!
 – Peço a vocês, meus amigos!
 – Acreditem no que estou falando;
 o filho mais velho da casa
 só tem dezoito anos!
 Os dezoito filhos de Marcelino
 eram muito divertidos,
 eram nove homens e nove mulheres
 e todos eles eram unidos.
 Um antigo dono da fazenda da Mata,
 certo dia viajou.
 – Vou comprar uns quatro escravos

foi isto que ele falou.
 Depois de alguns dias de viagem,
 em uma fazenda ele chegou.
 Ele estava muito cansado,
 em uma varanda sentou.
 De repente ele ouviu um barulho,
 lá pára fora ele olhava,
 era um preto muito simpático,
 que ali no terreiro passava.
 De repente o viajante
 com o patrão foi falando:
 – Aquele preto me serve,
 diga o preço que vou pagando!
 O patrão respondeu:
 – Precisamos conversar,
 ele me fez um pedido
 e eu pretendo respeitar!
 – Este preto que você viu
 é uma gente muito boa,
 é uma família muito grande
 estamos falando de vinte pessoas!
 – Se a família dele é grande,
 a minha fazenda é muito mais.
 Me vendendo esta família
 um grande favor o senhor me faz!
 O fazendeiro pegou aquela família,
 e para casa vinha voltando,
 para ele era um grande sonho
 que estava realizando.
 Quando o homem chegou na fazenda,
 ficaram todos muito admirados
 por ver uma família tão grande,
 era menino para todo lado.
 O feitor, um homem muito ruim,
 para o patrão foi dizer:
 – Muitos deles ainda não trabalham,
 como eu vou dar o que comer?
 A pergunta do feitor
 o patrão respondeu:
 – Cuida bem do seu serviço,
 que desta família cuido eu!
 – Esta família que chegou
 a ninguém fazia mal,
 a casa que eles moravam
 era lá no Bananal!
 Marcelino levantou bem cedo,
 com o patrão foi falar.
 – Precisamos de ferramentas

para o serviço começar!
 Marcelino disse para o patrão:
 – Eu não quero ser um fracasso,
 se o senhor tiver uma tenda,
 as ferramentas eu mesmo faço!
 O patrão respondeu:
 – Por esta eu não esperava,
 que você fosse um ferreiro
 eu nunca imaginava!
 Marcelino entrou na tenda
 e começou a trabalhar,
 fazendo foice e machado
 para a mata derrubar.
 O patrão disse: – Esta família
 veio mudar a minha vida!
 – Eu vou dar para eles
 casa, cama, roupa e comida!
 Com a chegada daquela família,
 os outros empregados enciumavam,
 porque todo dia à tarde,
 o patrão lhes visitava.
 O patrão voltava para fazenda,
 ele vinha todo contente,
 por ver tanta árvore derrubada,
 pelos braços daquela gente.
 Aquela família grande,
 todos cresceram ali,
 por isso inventaram o Terno,
 para todos se divertir.
 Teodoro na caixinha,
 Zacarias na sanfona,
 com as caixas e os bambus,
 faziam tremer a zona.
 Com o tempo levantaram um cruzeiro,
 era onde o povo rezava,
 e também muitas pessoas
 as suas promessas pagavam.
 Quase em toda família
 tem um mais inteligente,
 e por isso que era o Teodoro
 que dominava aquela gente.
 Sempre era no mês de agosto,
 que a festa eles faziam,
 porque eles acreditavam
 que naquele mês não chovia.
 Para que chegasse naquele mês
 o povo ficava aflito,
 para festejar a senhora do Rosário!

Santa Efigênia e São Benedito.
Uma senhora rica
que em Cláudio morava,
ela não tinha mais sossego
com a vida que levava.
Um dia ela pediu à Santa
e a santa lhe atendeu,
em um prazo de pouco tempo,
a sua vida floresceu.
Ela não sabia o que fazer,
de tão alegre que ficou,
ela foi ao Bananal
e a coroa do Rosário ela pegou.
Ela pediu ao Teodoro
para fazer uma festa boa,
que aqui na cidade
ela entregasse a sua coroa.
Teodoro reuniu o povo
e decidiu que assim fosse
e por isso a festa aqui na cidade
Teodoro Marcelino é quem trouxe.
Teodoro era um homem charmoso
porém, muito inteligente.
Do terno ele é o capitão,
da festa ele é o presidente.
Teodoro e o pai dele levantaram a festa
e todo mundo assim gostou,
a festa ficou aqui
e, os dois, Deus já levou.

O terno deles ainda existe,
todo mundo pode ver,
quando reúne toda família
ainda faz a terra tremer.
É um terno bastante famoso,
mas ainda continua
comandado pelo Arlindo
este terno está na rua.
O Arlindo ainda é novo
mas é um Marcelino apurado,
lutando com muita bravura
defendendo o nosso Reinado.
Este terno que eu estou falando,
até hoje ainda existe,
por isso minha gente
não precisa ficar triste.
Eu escrevi esta passagem
para contar para vocês,
que a festa do Reinado
foi os escravos quem fez.
Até hoje ainda me lembro
de quando o feitor batia,
gritando por Nossa Senhora, meu Deus!
E a pancada no lombo doía!
Eu escrevi esta história,
foi com dor no coração,
e ao lembrar-me de nossa gente
minha lágrima cai no chão.

ANEXO C – Textos de apoio

O Congado

A lenda do Congado

A lenda de Chico-Rei nos conta que a origem das festas do Congado está ligada à Igreja Nossa Senhora do Rosário, situada na antiga Vila Rica. Segundo a lenda, o escravo batizado com o nome de Francisco, viera da África com outros membros de sua família e, na sofrida viagem, rumo às Novas Terras, perdera a mulher e seus filhos, com exceção de um.

Francisco se instalou em Vila Rica e com o passar do tempo, com as economias obtidas no trabalho aos domingos e dias santos, conseguiu a alforria do filho. Posteriormente, obteve a própria alforria e a dos demais súditos de sua nação que lhe apelidaram de Chico-Rei. Unidos a ele, pelos laços de submissão e solidariedade, adquiriram a riquíssima mina da Escandideira. Casado com a nova rainha, a autoridade e o prestígio do "rei preto" sobre os de sua raça foi crescendo.

Organizaram a Irmandade do Rosário e Santa Efigênia, levantando pedra a pedra, com recursos próprios, a Igreja do Alto da Cruz. Por ocasião da festa dos Reis Magos, em janeiro, e na de Nossa Senhora do Rosário, em outubro, havia grandes solenidades típicas, que foram generalizadas com o nome de "Reisados". Nestas festas, Chico-Rei, de coroa e cetro, e sua Corte apareciam lá pelas 10 horas, pouco antes da missa cantada, apresentando-se com a rainha, os príncipes, os dignitários de sua realeza, cobertos de ricos mantos e trajes de gala bordados a ouro, precedidos de batedores e seguidos de músicos e dançarinos, batendo caxambus, pandeiros, marimbas e canzás, entoando

Congada, congado ou congo são nomes genéricos dados ao conjunto de elementos que circundam uma Festa de Reinado, em que se encena a coroação de "Reis do Congo" em louvor de um santo negro. Em geral, na festa e dança dramática organizada por "irmandades" de santo, brincantes, tocadores, capitães, reis, rainhas e mestres desfilam num cortejo processional organizado em guardas ou ternos.

Além da corte de reis e rainhas, duas guardas são recorrentes: a guarda de Congo puxa os dançantes, em movimento rápido, abrindo caminhos; já a guarda de Moçambique valoriza os elementos tipicamente negros, tem o batido mais cadenciado e é considerada o "pé de coroa", aquela que vem imediatamente antes da corte ou do reino, conduzindo-a.

As festas de Reinado no Brasil, devotadas a santos negros, como São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, são autos populares apresentados em diversas localidades, com destaque para os interiores de Minas Gerais (Vale do Jequitinhonha, sul de Minas e região de Belo Horizonte) e São Paulo.

Historicamente, sua origem remonta ao Brasil colonial. Mas a fundamentação mítica do Congado diz que as guardas se formaram ainda na África, quando uma imagem de Nossa Senhora do Rosário apareceu no mar. O grupo do Congo se dirigiu para a areia e, tocando seus instrumentos, só conseguiu fazer com que a imagem se movesse uma vez: Nossa Senhora se encaminhou para frente e parou. Então vieram negros moçambiqueiros, batendo seus tambores, cantando para a santa e pedindo-lhe que viesse protegê-los. A imagem veio se encaminhando, no movimento das ondas, até chegar à praia.

O Terno do Arlindo

A cidade espera ansiosa pelas festividades do “Reinado”, especialmente para aplaudir os ternos, os “donos da festa”. A cada ano tudo se repete, cada vez com mais beleza e entusiasmo. E, nesse contexto, um grupo se destaca, quer pela harmonia, cores e brilho, quer pela empolgação e alegria.

Quem em Cláudio desconhece o Arlindo Marcelino? O filho de Pedro e Maria Rosa Marcelino, esposo de Rosária Conceição, pai de 9 filhos, que tomou para si a continuidade e a organização daquele que todos esperam ver: o terno do Arlindo, também chamado de ‘Terno da Lavoura’.



Dona Maria Rosa Marcelino

É o próprio Arlindo quem diz das graças recebidas por interseção de Nossa Senhora do Rosário, da herança de seus tataravós, o orgulho familiar e a consciência da necessidade de se promover o fortalecimento da cultura negra.

Um dos fundadores do terno foi Sebastião Teixeira Marcelino, escravo em uma fazenda no Bananal. Sebastião não foi conhecido por muitos membros da família, mas manteve firme a tradição, delegando a função de capitão para Pedro Amâncio. De Pedro Amâncio o terno passa para José Herculano Filho, para Vicente da Rosalina (Tio Broca) e

E emocionante assistir ao desfile de 50 pessoas, entre filhos, sobrinhos, primos, irmão, netos e amigos íntimos da família na Festa do Reinado D. Rosária levanta a bandeira da irmandade com altivez e orgulho. Ela sabe do duro trabalho para manter o terno. São ensaios, gastos, e outros problemas. No entanto, a fé em Nossa Senhora fala mais alto.

Seria interessante se os estudantes e as pessoas de nossa cidade procurassem conhecer mais os valores culturais de nossa Cláudio. Descobririam muito. Nesse artigo não pretendemos contar a história do terno, e sim incentivar a busca da pesquisa, resgatar o sentimento de cidadania e aplaudir de pé, com todo o respeito, o nosso terno, as nossas origens, o trabalho cultural te empreendido pela família Marcelino.

Fonte: Família Marcelino – Tradição, fé e cultura dos negros

ANEXO D – Texto inicial produzido na oficina II da introdução

A LUTA PELA LIBERDADE

EM UM LUGAR NO CONTINENTE AFRICANO, HAVIA UMA TRIBO ELES ERAM FELIZES E UNIDOS, GOSTAVAM DE DANÇAR E USAR MAS CARAS, LÁ MORAVA UMA FAMÍLIA MUITO IMPORTANTE, UMA ESPÉCIE DE LÍDERES, QUE ORIENTAVA TODO AQUELE POVO.

CERTO DIA CHEGARAM UNS HOMENS ESTRANHOS, COM SUÍÇAQUE ESQUEZITO E COR DE PELE BRANCA, O LÍDER DA TRIBO FOI VER DO QUE SE TRATAVA AQUELES HOMENS, E QUANDO SE APROXIMOU RECEBEU UM GOLPE E FORA APRENDIDO, AÍ COMEÇOU O ALVOROÇ, VIU SEUS AMIGOS LUTANDO E SENDO PRESOS, VIU SUA PRÓPIA FAMÍLIA SER PEGA E NÃO PODE FAZER NADA, DEPOIS DE TODOS SEREM ACORRENTADOS, FORAM LEVADOS A UM NAVIO, LÁ FORAM TRATADOS COMO ANIMAIS, NÃO COMIAM E APANHAVAM CONSTANTEMENTE, O LÍDER NÃO SABIA O QUE ESTAVA ACONTECENDO, MAS MANTINHA A FÉ DE QUE TUDO IRIA VOLTAR AO NORMAL.

DEPOIS DE SE PASSAR VÁRIOS DIAS EM ALTO MAR, A FAMÍLIA DO LÍDER ESTAVA DOENTE, VENDO AQUELES QUE MAIS AMAVA NAQUELA SITUAÇÃO, FORA FALAR COM UM DOS SEUS "SENHORES", PARA PEDIR QUE AJUDASSEM SUA FAMÍLIA, MAS EMVÉS DE AJUDA ELES BATERAM NO LÍDER E SOLGARAM SUA FAMÍLIA EM ALTO MAR, SEM NADA PODER FAZER POR SUA FAMÍLIA, O LÍDER FICARA ALI PROSTADO DE TRISTEZA.

DEPOIS DE PASSAREM MAIS DIAS, ELES CHEGARAM A SEU DESTINO: BAHIA, MAS NÃO FICARAM MUITO TEMPO ALI, EMBARCARAM NOVAMENTE E FORAM PARA MINAS GERAIS.

CHEGANDO EM MINAS, ELAS TIVERAM DE TRABALHAR NAS MINAS, FORAM
ESCRAVIZADOS DURANTE MUITO TEMPO, O LÍDER JÁ NÃO AGUENTANDO
MAIS VER SEU POVO SOFRER, PEDIU QUE ALGUÉM O AJUDASSE, ATRAVÉS
DE UMA ORAÇÃO.

NO DIA SEGUINTE UMA APARIÇÃO SURTIU NAS MINAS E DISSE
AO LÍDER QUE BATESSE SUA FERRAMENTA EM UMA CERTA ROCHA,
ASSIM ELE O FEZ, QUANDO A PEDRA SE PARTIU O LÍDER PODE PERCEBER
QUE SE TRATAVA DE UMA CAVERNA REPLETA DE OURO, ELE FICOU
RICO E LIBERTOU SEUS AMIGOS DA ESCRAVIDÃO, VENDO ISSO OS
SENHORES O PRENDERAM, MAS SEU POVO REVOLTOU E ELAS FORAM
OBRIGADOS A SOLTA-LO.

LIVRES RETORNARAM A AFRICA E VIVERAM FELIZES.

Fim.

ANEXO E – Texto inicial produzido na oficina II da introdução

et escravidão

Em algum momento da História, há muito tempo, na África uma tribo africana e os seus líderes comemoravam seus costumes e tradições diante da família que liderava essa tribo. Até que chegaram os portugueses homens, bem vestidos, ricos, poderosos; esses portugueses pegaram todos os integrantes dessa tribo inclusive a família dos líderes e os aprisionaram colocando correntes em seus pulsos e no pescoço. Eles foram abençoados por uma espécie de padre que fez uma cruz azul na testa de todos os africanos apreendidos. Os portugueses colocaram todos eles dentro de um navio onde havia muita gente todos os africanos estavam dentro do mesmo compartimento do navio onde havia muita gente amontoadada. Tinha homens mulheres e bebês, mas como as crianças geravam muitos gastos, eram jogadas a deriva no mar junto de suas mães.

Quando chegaram ao Brasil, eram feitos de escravos e também vendidos para senhores que os colocavam para minerar na cidade de Ouro Preto MG.

Os escravos trabalhavam nas minas, até que um dia enquanto um escravo fazia seu trabalho duro e constante, apareceu

um milagre. Esse escravo achou ouro, e esse ouro quando tocava nas correntes dos escravos os libertavam. O escravo ficou muito rico com a quantidade de ouro achou e os senhores que não aceitavam negros com a mesma classe social que eles o prenderam mas a população dos escravos se rebelaram contra os brancos; de tanto os escravos aclamarem a liberdade dele os patrões o soltaram e assim ele pode ficar livre junto de seu povo.

Eles ficaram felizes festejando o dia tão esperado

ANEXO F – Isogravura produzida na etapa da interpretação

Fonte: Registro pessoal

ANEXO G – Isogravura produzida na etapa da interpretação

Fonte: Registro pessoal

ANEXO H – Isogravura produzida na etapa da interpretação

Fonte: Registro pessoal

ANEXO I – Isogravura produzida na etapa da interpretação

Fonte: Registro pessoal

ANEXO J – Isogravura produzida na etapa da interpretação

Fonte: Registro pessoal

ANEXO K – Isogravura produzida na etapa da interpretação

Fonte: Registro pessoal

ANEXO L – Texto escrito na etapa da interpretação

Chico Rei

Eu achei muito interessante o fato de Chico Rei não ter perdido as esperanças independente do tudo que estava acontecendo com seu povo e ter usado sua inteligência e não a violência para conseguir sua liberdade.

Eu achei que a leitura foi muito importante para o meu aprendizado pois me fez entender como era difícil a vida de um escravo naquela época e qual é a origem do comércio e como eles conseguiam para conseguir sua liberdade.

ANEXO M – Texto escrito na etapa da interpretação

Eu entendi que Chico Rei na verdade era Galanga, líder de uma tribo africana que foi trazido pelos portugueses para serem escravizados juntamente com sua família e os outros integrantes da tribo. Lá sua família só sobreviveu um filho Muzinga, os dois foram comprados pelo Major Augusto e levados para cidade de Ouro Preto que na época se chamava Vila Rica. Chico Rei era escravizado e forçado a trabalhar no garimpo de ouro, mas era muito esperto, escondia pequenas pepitas de ouro dentro da mina. Até que um dia quando já tinha bastante ouro comprou sua carta de alforria e depois a do seu filho. Depois de um tempo Major Augusto resolveu vender a mina pois achava que o ouro já tinha acabado; Chico Rei comprou a mina porque sabia que tinha ouro escondido lá dentro. Chico Rei continuou achando ouro na mina e com isso comprava a alforria de vários outros escravos. Juntos os negros construíram uma igreja

de Santa Efigênia no alto a cruz, pois não podiam frequentar os mesmos lugares que os brancos e nem praticar suas crenças.

Achei muito interessante e também importante para aprender mais sobre a influência africana no Brasil.

